

Kátia Mariás Pinto

Crônica de um fim anunciado

O DEBATE ENTRE FREUD E JUNG SOBRE A TEORIA DA LIBIDO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Estudos Psicanalíticos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Márcio Ribeiro Teixeira.

Belo Horizonte

FAFICH/UFMG

Fevereiro de 2006

Dissertação de Mestrado aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Antônio M. R. Teixeira – FAFICH/UFMG
orientador

Prof. Dr. Oswaldo França Neto – FAFICH/UFMG

Profa. Dra. Lúcia Grossi dos Santos – FUMEC

*para Denison,
com amor*

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai (*in memoriam*), que sempre incentivou a leitura e a curiosidade.

A minha mãe querida, pelo apoio sempre.

Aos meus queridos irmãos, Stamatia (*in memoriam*), Aleksandro, Paulo Sérgio e Sofia.

A Maria José Gontijo Salum, cuja transmissão da psicanálise causou em mim o desejo de embarcar nessa aventura.

A Elisa Alvarenga, pela escuta.

A Oswaldo França Neto e Lúcia Grossi.

Aos professores do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental: Ram Mandil, Márcia Rosa, Sérgio de Castro, Sérgio Laia, Henri Kaufmanner, Francisco Paes Barreto, Jésus Santiago, Antônio Teixeira e Celso Rennó Lima, por legitimarem minha decisão pela pesquisa.

A Jésus Santiago, cujo entusiasmo na transmissão da psicanálise inspira a curiosidade e a ousadia.

Aos professores do Mestrado.

A Márcia Mezêncio, interlocutora cuidadosa.

A Margaret Couto, pelo incentivo.

Aos amigos Cleyton Sidney, Helenice de Castro, Maria de Fátima Ferreira.

A Maria das Graças Sena e Denise Barbosa, amigas queridas.

A Antônio Teixeira, pela orientação, sempre apresentando outras leituras, outras possibilidades... sempre com a mesma generosidade e originalidade.

A Paulo de Andrade, pelo cuidado e precisão na revisão do texto.

A Capes, pelo financiamento da pesquisa ao longo de 24 meses, possibilitando o desenvolvimento e a conclusão desta Dissertação.

RESUMO

Esta pesquisa parte do encontro entre Freud e Jung, enfocando o interesse do primeiro no trabalho que Jung desenvolvia com psicóticos. Percorrendo as cartas trocadas por eles ao longo de sete anos, investigamos as construções teóricas de ambos, a fim de fundamentarmos a hipótese de que o tema da libido é o ponto crucial no impasse para a continuidade do trabalho em conjunto. Para Freud a libido é essencialmente uma energia sexual, já para Jung, a libido não passa de uma energia vital neutra, difusa no psiquismo humano. Ancorada nesse impasse, nossa investigação segue a trajetória da problemática da constituição da realidade e de sua perda, privilegiando o aspecto de que, para a realidade constituir-se, é necessário que haja uma subtração da satisfação libidinal, de modo que o enquadramento da realidade seja efetuado. Nesse caso, como o argumento da psicose constrói-se a partir da premissa de que essa subtração não acontece, a realidade, conseqüentemente, não é constituída.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| Introdução | 07 |
| CAPÍTULO 1 | |
| O encontro entre Freud e Jung: o fim anunciado | 12 |
| O encontro..... | 13 |
| Nas cartas, a psicose em cena..... | 17 |
| As primeiras concepções freudianas sobre a psicose..... | 17 |
| As re-elaborações freudianas..... | 23 |
| Jung e sua <i>Psicologia da dementia praecox</i> | 27 |
| Freud e Fliess: um retorno ao problema da toxina..... | 29 |
| CAPÍTULO 2 | |
| O rompimento: a redução da libido à função analógica do símbolo | 33 |
| O Schreber de Freud..... | 34 |
| A etiologia sexual da neurose..... | 45 |
| As metamorfoses da libido: a perda da realidade em Jung..... | 48 |
| O problema do incesto: da natureza à cultura..... | 53 |
| As metamorfoses da libido e a proposta da dessexualização da libido..... | 61 |
| O rompimento..... | 69 |
| CAPÍTULO 3 | |
| A libido e a psicose: a realidade em questão | 72 |
| A experiência de satisfação e a constituição da realidade..... | 73 |
| O “não” constituinte: <i>Die Verneinung</i> | 76 |
| O narcisismo não é a introversão..... | 78 |
| Dualismo <i>versus</i> monismo..... | 80 |
| Libido dessexualizada e psicose..... | 83 |
| A perda da realidade: a não-subtração da satisfação libidinal ou a <i>Verwerfung</i> do Nome-do-Pai..... | 87 |
| Conclusão | 94 |
| Glossário | 99 |
| Referências Bibliográficas | 101 |

INTRODUÇÃO

O cenário enquadrado por esta pesquisa é o debate entre Sigmund Freud e Carl Gustav Jung sobre a concepção da libido e em que medida esse debate possibilitou o avanço da teoria psicanalítica das psicoses.

Para investigarmos a concepção psicanalítica da libido e estabelecermos os parâmetros que levaram Jung a propor a idéia de *dessexualização*, será necessário seguir o percurso de Freud sobre a sexualidade. Para isso, faremos um levantamento dos principais textos nos quais observamos essa problemática, na tentativa de explicitar a insistência de Freud em sustentar a libido em seu sentido estrito: como libido sexual.

Sabemos que Freud interessou-se muito pelo papel que a sexualidade desempenhava na vida psíquica do ser humano e esse interesse despertou inúmeras críticas, tanto por parte do círculo psicanalítico da época, quanto por pessoas alheias a esse círculo.

Delimitar o conceito de *sexual* não foi fácil para Freud. O que as pessoas chamam de sexual reúne uma referência ao contraste entre os sexos, à busca de prazer, à função reprodutora de algo que é impróprio e deve ser mantido secreto. Segundo Freud, essas combinações bastam para o dia-a-dia, mas não para a ciência. Foi, portanto, no dia-a-dia de sua clínica que ele pôde constatar a presença de fatores sexuais na causação das psiconeuroses e observar que as forças pulsionais de cunho sexual, cuja energia contribui para sustentar os fenômenos patológicos, os chamados sintomas, são as únicas fontes energéticas constantes da neurose, além de serem a atividade sexual dos doentes.¹ Ele parte do estudo das perversões para afirmar que todas as coisas “loucas, excêntricas e horríveis” que constituem a atividade sexual dos perversos desempenham

¹ FREUD. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), v.VII, p.153.

o mesmo papel que a satisfação sexual normal desempenha em nossas vidas. O que se refere à atividade sexual tem a característica de impropriedade.²

Ao afirmar que os sintomas neuróticos são substitutos da satisfação sexual, Freud inclui aí a satisfação das necessidades sexuais pervertidas. Ele constata que os impulsos homossexuais são encontrados com frequência em cada um dos neuróticos. A paranóia, para ele, origina-se de uma tentativa de o doente libertar-se de impulsos homossexuais intensos.

À revelia das resistências que enfrentava quanto ao tema da sexualidade, Freud não abriu mão dessa referência, que orientou toda a prática psicanalítica. Ele nos adverte, contudo, que o conceito de *sexualidade* foi ampliado apenas o bastante para podermos compreender a vida sexual dos pervertidos e das crianças. Esse é um recurso da psicanálise e, fora dela, o que se denomina sexualidade refere-se apenas a uma vida sexual restrita, que serve ao propósito da reprodução e é descrita como normal.³

Definir o que vem a ser o *sexual* em psicanálise é importante para que possamos sustentar a impossibilidade de excluí-lo nas psicoses. Esta pesquisa pretende esclarecer o que especifica a libido freudiana e como podemos pensá-la nas psicoses.

Nosso trabalho será dividido em três capítulos, dentre os quais o primeiro, “O encontro de Freud e Jung: o fim anunciado”, tratará exatamente de contextualizar o encontro que se deu em 1907. Já nas primeiras correspondências, antes mesmo desse encontro, percebemos as discordâncias em relação ao problema da sexualidade e, principalmente, à proposta freudiana do auto-erotismo presente nas psicoses. Com o objetivo de sustentarmos a tese de Freud de que uma psicose irrompe diante de uma representação intolerável e que tal representação é sempre do âmbito da sexualidade, faremos um breve percurso pelos seus primeiros textos, de 1894 e 1896 – “As

² FREUD. Conferência XX: A vida sexual dos seres humanos (1916-17), p.359.

³ FREUD. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), v.VII, p.171-2.

neuropsicoses de defesa” e “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa”, respectivamente –, além dos estudos tratados nas cartas trocadas com Wilhelm Fliess, os “Rascunhos H e K”.

Seguiremos verificando nas cartas com Jung o rumo tomado por esse debate e, finalmente, retornaremos à discussão de Freud com Fliess para descrevermos a situação em que se deu o rompimento entre estes, localizando aí a problemática da toxina como uma hipótese da tolerância de Freud para com Jung.

No segundo capítulo, “O rompimento: a redução da libido à função analógica do símbolo”, introduziremos a análise estabelecida por Freud sobre *As memórias de um doente dos nervos*, de Daniel Paul Schreber, na qual ele sustenta a idéia de que, na paranóia, existe uma defesa contra o desejo homossexual e a doença refere-se exatamente à tentativa fracassada de dominar o homossexualismo. Assim, Freud propõe uma gramática que é deduzida do delírio paranóico: já que se trata de uma defesa contra as pulsões homossexuais, várias maneiras são produzidas a fim de se negar a proposição *Eu (um homem) o amo (um homem)*.

A partir dessa gramática, Freud introduz o fato de que o movimento da libido, na paranóia, pode promover tanto o desligamento parcial quanto o desligamento completo do mundo externo. No caso de um desligamento parcial, a megalomania seria erigida e, no desligamento completo, encontraríamos os delírios de “fim de mundo”.

Mais uma vez, para sustentar nossa investigação, apresentamos a teoria de Freud priorizando sua abordagem do sexual na psicanálise e estabelecendo a diferença do seu pensamento em relação ao de Jung.

Para explicitar essa diferença, descreveremos longamente as idéias presentes no livro de Jung e que precipitaram o rompimento do trabalho em conjunto. Destacaremos

a estrutura do pensamento junguiano associando-o ao pensamento pré-científico, que se apóia na analogia e na similitude.

Por fim, discutiremos a passagem da natureza para a cultura, quando enfatizaremos a barreira contra o incesto como um divisor de águas entre os estado de natureza e de cultura. O complexo de Édipo será tomado como fundamental para ancorarmos a discussão do capítulo seguinte, sobre a constituição e a perda da realidade.

Nossa hipótese é a de que o conceito de *libido* foi, certamente, um ponto crucial que definiu os rumos da psicanálise em relação à sua concepção do mecanismo causal das psicoses. Isso justifica o trabalho dessa pesquisa, já que ela pretende buscar, no encontro entre Freud e Jung ou, mais especificamente, na controvérsia estabelecida sobre a teoria da libido, a nova etapa da psicanálise, a partir da qual Freud pôde reorientar sua primeira teoria do dualismo pulsional, referindo-se ao auto-erotismo e introduzindo o eu como uma instância de investimento libidinal e não mais apenas os objetos da pulsão.

Fica evidente, portanto, que o debate sobre a libido freudiana acarreta conseqüências cruciais para a concepção psicanalítica das psicoses, uma vez que Freud escreve o artigo “Sobre o narcisismo: uma introdução”,⁴ para demonstrar que o conceito de *narcisismo* oferece uma alternativa à libido não-sexual de Jung, presente nesses casos. Nesse mesmo texto, encontra-se a crítica de Freud à concepção monista da libido presente em Jung, o que permitiu a Freud lançar as bases para uma futura dualidade pulsional necessária à sua concepção de que o conflito é estruturante do funcionamento psíquico. Nesse momento da obra de Freud, a bipolaridade é explicada pela existência de duas libidos – libido do eu e libido do objeto –, cada uma implicando uma escolha de objeto, segundo o tipo narcísico ou o tipo de ligação. Sabe-se que esta reformulação da

⁴ FREUD. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914), v.XIV.

teoria psicanalítica deu-se imediatamente após a ruptura com Jung, e que Freud, mais tarde, estabeleceu outras modificações que culminaram numa reelaboração total de sua concepção dualista das pulsões, em que se destaca a *pulsão de morte*.

No capítulo três, “A libido e a psicose: a realidade em questão”, abordaremos inicialmente a operação de constituição da realidade para o sujeito. Lançaremos mão do “Projeto para uma psicologia científica” e “Die Verneinung” (A denegação), para articularmos a noção de realidade em Freud, cuja constituição pressupõe a subtração da satisfação libidinal. Investigaremos também a discordância quanto à noção de *introversão da libido*, proposta por Jung para definir o mecanismo da psicose, ao passo que, em Freud, as psicoses revelam que as formações do inconsciente são reencontradas pelo sujeito na realidade externa. Verificaremos ainda que Jacques Lacan recupera do texto freudiano a palavra *Verwerfung* (*foraclusão*), retirando daí a chave da estrutura freudiana da psicose, isto é, o que é foracluído no simbólico retorna no real.

1.

O encontro entre Freud e Jung

o fim anunciado

O ENCONTRO

Apropriamo-nos das palavras de François Regnault para delimitar esse cenário e dizer que “é com a emoção de um suspense que se pode ler a correspondência entre Freud e Jung, trocada entre 1906 e 1914, publicada depois da morte de ambos com os cuidados diligentes dos editores e a autorização de seus dois filhos”.⁵

A interlocução entre Sigmund Freud e Carl Gustav Jung⁶ iniciou-se em 1906, quando este enviou a Freud seus *Estudos sobre associações*,⁷ como resultado de suas experiências com associações verbais. A primeira carta de Freud a Jung⁸ revela que os *Estudos* de Jung o agradaram, à medida que pôde demonstrar que “tudo o que Freud disse sobre os campos ainda inexplorados da psicanálise era verdade”. Ele acreditava que Jung o apoiaria e o retificaria muitas vezes ainda.

Veremos nessa correspondência que então se inicia um trabalho em conjunto que se estenderá por, aproximadamente, sete anos. Freud interessou-se pela experiência dos psiquiatras suíços,⁹ vendo nessa associação uma oportunidade de ampliar os limites das psicoses, além de “cortar o cordão umbilical judaico da psicanálise e torná-la aceitável aos não-judeus”,¹⁰ uma vez que Bleuler e Jung não eram judeus. Freud preocupava-se com o fato de que a psicanálise pudesse ser identificada como uma “ciência judaica”. Sua pretensão era de que ela fosse reconhecida como uma ciência com a dimensão

⁵ REGNAULT. *Freud anti-alegorista [contra Jung]*, p. 95-105.

⁶ Jung (1875-1961) era psiquiatra no Hospital Burgholzli, em Zurique.

⁷ Trata-se de um estudo realizado por Jung, junto aos pacientes internados no Hospital Psiquiátrico Burgholzli; são testes que ele criou a partir do método de interpretação de sonhos de Freud.

⁸ MCGUIRE (org.). *A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung*. Carta 1F, 11 de abril de 1906, p.41. A partir daqui, todas as citações referentes à correspondência entre Freud e Jung serão assinaladas em nota de forma abreviada, indicando apenas a numeração da carta, seguida da inicial do remetente, data de composição e página da edição citada.

⁹ Além de Jung, Paul Eugen Bleuler (1857-1939) interessava muito a Freud. Bleuler foi professor de psiquiatria na Universidade de Zurique, diretor do Hospital Burgholzli de 1898 até 1927 e um dos grandes pioneiros da psiquiatria. Ele reviu todo o conceito de demência precoce, passando a chamá-la de *esquizofrenia*. Bleuler tentava proporcionar à psiquiatria uma base psicológica, não se contentando com a simples descrição dos sintomas das doenças mentais. Ele e seus colaboradores (entre os quais, Jung), faziam experiências de associação verbal, que lhes permitiram descobrir que o distúrbio comum às diversas formas da então chamada demência precoce é a dissociação psíquica, o que o levou a propor o termo *esquizofrenia*.

¹⁰ ZIZEK. *Luta de classes na psicanálise*, p. 14-5.

universal que estava presente em qualquer discurso científico. Era crucial para Freud a abertura do movimento psicanalítico para outros territórios, para desviar a psicanálise dos intensos preconceitos anti-semitas então existentes.

Jung, numa carta, anuncia e promete para breve a publicação de seu “pequeno livro” onde, partindo das idéias de Freud, aborda a demência precoce.¹¹ Infelizmente, falta a carta de Freud acusando o recebimento do livro e comentando-o. Não podemos precisar esse momento, mas uma carta de Freud, datada de seis de dezembro de 1906, diz o seguinte: “ainda não formei uma opinião definitiva sobre a linha divisória entre demência precoce e paranóia [...] Minha experiência no campo é, porém, limitada. A esse respeito tentarei acreditar no senhor”.¹²

A julgar pela carta de Jung, justificando-se pelo conteúdo do livro, podemos deduzir que Freud fez críticas ao seu texto. Jung diz que o princípio fundamental que o guiou nas reformulações das pesquisas de Freud foi “a consideração pelo público acadêmico alemão”, além de sua pouca experiência com a psicanálise, o fato de eles nunca terem se encontrado pessoalmente e as condições “extremamente” difíceis de seu trabalho, uma vez que seus pacientes eram quase sempre “insanos e sem instrução”.¹³

Freud responde imediatamente, afirmando que só o fato de ter proposto uma crítica demonstra que o livro o entusiasmou, caso contrário não a faria. A crítica refere-se à inclinação de Jung em recorrer às toxinas, omitindo o fator sexual ao qual Freud, ao contrário, atribuía muito mais importância: “Os antigos sabiam que Eros é um deus inexorável.”¹⁴

Mais uma vez, Jung justifica sua “alusão” às toxinas, por temer mal-entendidos, dizendo ser “notória a índole obtusa do respeitável público”. Ele acreditava na idéia de

¹¹ Carta 2J, 5 de outubro de 1906, p.42. Seria o seu livro *Psicologia da demência praecox*.

¹² Carta 8F, 6 de dezembro de 1906, p.51-2.

¹³ Carta 9J, 29 de dezembro de 1906, p.52-3.

¹⁴ Carta 11F, 1º. de janeiro de 1907, p.56-7.

uma secreção endócrina “interna” que pudesse ser a causa das perturbações e que, talvez, as glândulas sexuais produzissem as toxinas.¹⁵ É claro o interesse de Jung em satisfazer o público científico, posição radicalmente oposta à freudiana. Freud tenta convencê-lo de que os grandes mestres da psiquiatria têm pouca importância, mas Jung fica dividido entre Freud e os grandes mestres. Veremos que ele se renderá aos mestres no que diz respeito à libido sexual.¹⁶

Sabe-se que o pensamento freudiano deriva, tardiamente, da corrente fisicalista, organizada nos anos de 1840 na Alemanha, contando com ilustres mestres da fisiologia – Helmholtz, Brucke e Du Bois Reymond. Mas ao inventar a teoria da psicanálise, Freud não faz uma reprodução dos padrões científicos da época. Ele toma-os, preferencialmente, como paradigmas, a partir dos quais destaca algo de inédito. A originalidade de Freud consiste em ele ter sido capaz de subverter a linguagem de seu tempo. Isso não significa que ele tenha rompido com o ideal de cientificidade. Ao contrário, ele jamais se distanciou de tal ideal. Foi isso, aliás, que permitiu a Freud tratar, com rigor, os desvios que Jung propôs à psicanálise.¹⁷

Apesar dessa primeira divergência teórica, Freud mantém seu interesse pelo trabalho de Jung, que buscava aplicar a psicanálise à clínica das psicoses. Encontram-se pela primeira vez em março de 1907, em Viena. Após esse encontro, Jung escreve a Freud, revelando as resistências de Bleuler quanto ao ponto da concepção freudiana que ele considera o mais difícil de ser assimilado: a sexualidade. Ele expressa ainda o receio à idéia de auto-erotismo presente na demência precoce e adverte Freud de que, apesar dos critérios da fase aguda dessa doença serem convincentes, qualquer tentativa de prova encontra grandes dificuldades, principalmente de ordem técnica: a demência precoce só permite uma compreensão interna limitada da personalidade. Um caso pode

¹⁵ Carta 12J, 08 de janeiro de 1907, p.58-9.

¹⁶ MILLER. Psicosis y psicoanalisis, p.15.

¹⁷ LIMA. *O sujeito da experiência psicanalítica*.

parecer diferente se o “afastamento da libido” ocorrer num complexo¹⁸ acessível à consciência ou, ao contrário, se ocorrer num complexo inconsciente.

Jung insiste que a expressão “libido”, quando transposta para a concepção mais ampla da sexualidade, é incompreendida ou pelo menos não tem valor didático, evocando inibições emocionais que tornam difícil qualquer ensinamento. Ele questiona Freud “se não seria concebível, tendo em vista a limitada concepção de sexualidade que prevalece em nossos dias, que a terminologia sexual se reservasse apenas às formas mais extremas de sua ‘libido’ e que um termo menos ofensivo fosse estabelecido para todas as manifestações libidinais?”.¹⁹

Ainda nessa carta, Jung é textual ao referir-se à teoria sexual de Freud que, por ser puro empirismo, deveria ser apresentada empiricamente. O que ele procura, por conseguinte, são métodos capazes de desenvolver a psicanálise de maneira mais exata possível, esperando, assim, lançar as bases para uma popularização científica de seus ensinamentos. Só assim lhe seria possível chegar mais perto do âmago da teoria sexual.

Sem hesitação, Freud responde a Jung com a rapidez que lhe era peculiar:

Compreendo suas razões quando tenta suavizar o assunto, mas não acredito que o senhor tenha êxito [...]; mesmo que não chamemos de “libido” a força impulsiva da concepção mais ampla de sexualidade, ela continuará a ser libido e, em cada inferência que tirarmos dela, voltaremos ao ponto exato do qual tentáramos desviar a atenção com nossa nomenclatura. Se não podemos evitar as resistências, por que não enfrentá-las desde o início? O ataque é, em minha opinião, a melhor forma de defesa [...]. O que nos pedem é que abjuremos nossa crença no impulso sexual. A única resposta é professá-la abertamente.²⁰

¹⁸ Ver glossário anexo, p.99.

¹⁹ Carta 17J, 31 de março de 1907, p.63-4.

²⁰ Carta 18F, 07 de abril de 1907, p.65-6.

NAS CARTAS, A PSICOSE EM CENA

Inicia-se, a partir de então, efetivamente, a troca epistolar sobre as construções teóricas dos dois pesquisadores, acerca da psicose. Jung apresenta a Freud um caso que o que está em jogo é o diagnóstico entre histeria e demência precoce, utilizando-se da teoria dos complexos para argumentar suas hipóteses. Segundo Jung, na demência precoce o complexo compõe a personalidade com um número muito menor de associações do que na histeria. Os complexos na demência se aglutinam muito esporadicamente, mantendo-se isolados. Na histeria, ao contrário, ocorre uma síntese entre o complexo e a personalidade como um todo. Jung associa o isolamento do complexo na demência ao que Freud chama de auto-erotismo.²¹ Concluimos, por conseguinte, a partir dessas considerações de Jung, que o isolamento e a dificuldade dos complexos de se ligarem podem ser lidos, à luz da teoria pulsional freudiana, como a desfusão da pulsão auto-erótica.

Freud responde a Jung, confirmando suas hipóteses quanto ao fato dos pacientes revelarem seus complexos sem resistência e serem inacessíveis à transferência.²²

AS PRIMEIRAS CONCEPÇÕES FREUDIANAS SOBRE A PSICOSE

Antes de prosseguirmos com as elaborações de Freud sobre as psicoses, estimulado pelos questionamentos de Jung, voltemos a 1894 para investigarmos o que ele introduz nesses primeiros textos.

Em “As neuropsicoses de defesa”,²³ Freud agrupou a histeria, as obsessões e alguns casos de confusão alucinatória sob o nome de “neuropsicoses de defesa”, devido ao fato de apresentarem a defesa como um mecanismo psíquico em comum. O que nos

²¹ Carta 19J, 11 de abril de 1907, p.67-8.

²² Carta 20F, 14 de abril de 1907, p.70-2.

²³ FREUD. As neuropsicoses de defesa (1894), v.III.

interessa nesse artigo é, essencialmente, o papel que Freud atribui à sexualidade, ao afirmar que é precisamente a vida sexual que traz as oportunidades para o surgimento de representações intoleráveis. Ele sustenta tal afirmação, descrevendo alguns fragmentos clínicos que revelam situações onde o sujeito, recalcando uma representação sexual inaceitável, proporciona a emergência da doença, como uma forma de se defender de tais representações.

Nos dois tipos de neuroses – histeria e obsessão – a defesa é efetuada separando a representação sexual que é intolerável de seu afeto. Aquela permanece na consciência, ainda que enfraquecida e isolada. No caso da histeria, chamada histeria de *defesa*,²⁴ o sujeito diante de uma experiência, uma representação ou um sentimento que suscite um afeto aflitivo, decide esquecê-lo por não conseguir resolver a contradição entre a representação intolerável e seu eu, por meio do pensamento. Segundo Freud, esse “esquecimento” não funciona; ao contrário, leva a várias reações patológicas que podem produzir a histeria ou a obsessão ou a psicose alucinatória. O eu não pode realizar essa atitude defensiva. Tanto o traço mnêmico como o afeto não podem ser eliminados. Mas o eu pode transformar essa representação poderosa numa representação fraca, retirando-lhe o afeto do qual está carregada. Essa representação fraca, contudo, não faz exigência alguma ao trabalho da associação. No entanto, o afeto desvinculado dela tem que ser utilizado de alguma outra forma. Esse afeto se transforma em alguma coisa somática: a “conversão”. Freud conclui que a característica da histeria não é a divisão da consciência, mas a capacidade de conversão.²⁵

Quanto às obsessões e fobias, a representação intolerável é separada de seu afeto, permanecendo na esfera psíquica, enfraquecida e isolada. Seu afeto, no entanto, agora livre, liga-se a outras representações que não são incompatíveis e é devido a essa

²⁴ Essa é a primeira ocorrência do termo *defesa* (1894), embora o conceito já tivesse aparecido na “Comunicação preliminar” (1893).

²⁵ FREUD. As neuropsicoses de defesa (1894), v.III, p.57.

“falsa ligação” que tais representações se transformam em representações obsessivas.²⁶

Freud afirma que, em todos os casos analisados, o que havia despertado um afeto aflitivo era sempre a vida sexual do sujeito e acrescenta que a obsessão representa um substituto da representação sexual incompatível, tomando, assim, seu lugar na consciência.²⁷

Para a confusão alucinatória, Freud propõe uma terceira espécie de defesa, mais poderosa e bem sucedida. Aqui o eu rejeita a representação intolerável juntamente com seu afeto, comportando-se como se tal representação jamais lhe tivesse ocorrido. O eu rejeita a representação intolerável através de uma fuga para a psicose. Nas palavras de Freud:

O eu rompe com a representação intolerável que fica, portanto, ligada a um fragmento da realidade, de modo que, à medida que o eu obtém esse resultado, também ele se desliga total ou parcialmente da realidade. Quando a defesa consegue ser levada a termo, o sujeito se encontra num estado de confusão alucinatória.²⁸

É importante registrar que Freud já está às voltas com a questão da perda da realidade e, de alguma forma, já está esboçado aqui o que Jacques Alain-Miller chamará mais tarde de “neo-desencadeamento”. Esse termo expressa o modo pelo qual a psicose pode se manifestar sem que haja, necessariamente, um desencadeamento provocando uma ruptura violenta e muitas vezes catastrófica para a vida do sujeito. O neo-desencadeamento caracteriza-se pelos desligamentos sucessivos da realidade. O sujeito vai abandonando, vai desligando-se de seus vínculos, mas sem apresentar fenômenos elementares, característicos de uma psicose.

Freud conclui que esses três métodos de defesa e, juntamente, as três formas de doença podem combinar-se numa mesma pessoa. Observa que o aparecimento

²⁶ FREUD. As neuropsicoses de defesa (1894), v.III, p.58.

²⁷ FREUD. As neuropsicoses de defesa (1894), v.III, p.59.

²⁸ FREUD. As neuropsicoses de defesa (1894), v.III, p.65.

simultâneo de fobias e sintomas histéricos é freqüente, o que dificulta uma separação nítida entre histeria e as outras neuroses, levando-o a postular a categoria de “neuroses mistas”. A confusão alucinatória, segundo ele, não é compatível com a histeria nem com as obsessões, embora uma psicose de defesa possa irromper no decurso de uma neurose histérica ou mista.

Apesar de isolar os mecanismos de defesa, não os aborda como tendo especificidades capazes de sustentar uma diferenciação diagnóstica mais precisa entre neurose e psicose, embora insista ao longo de suas investigações que essa diferenciação existe, tratando de localizá-la posteriormente.

Mantendo a idéia de defesa, Freud descreve, no “Rascunho H”,²⁹ um caso clínico de uma mulher que apresentava delírios de observação e perseguição. Introduce aí a paranóia como sendo uma outra forma de apresentação das neuropsicoses de defesa e afirma que “as pessoas tornam-se paranóicas diante de coisas que não conseguem tolerar”. Conforme o caso apresentado por Freud, a paranóia também teria um caráter sexual e ele se pergunta aqui sobre a especificidade da defesa paranóica, constatando, a partir da análise dessa paciente, que na paranóia, a exemplo do que ocorre na confusão alucinatória, o conteúdo e o afeto da idéia incompatível são retidos e projetados no mundo externo.³⁰ Dessa forma, a condenação se mantém afastada do eu e, quando retorna de fora, sob a forma de delírios de observação e de perseguição, pode ser rejeitada.

No “Rascunho K”,³¹ vemos Freud, mais uma vez, relatando a Fliess o que há em comum entre a histeria, a neurose obsessiva e a paranóia, a saber, que todas são

²⁹ MASSON (org.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Anexo à carta de 24 de janeiro de 1895, p.108-13.

³⁰ MASSON (org.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Anexo à carta de 1º de janeiro de 1896, p.113.

³¹ MASSON (org.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*, p.163-70.

aberrações patológicas de estados afetivos psíquicos normais, embora dependam de que a causa seja de natureza sexual e que ocorra no período precedente à maturidade sexual. Ele aborda também a existência de uma tendência normal à defesa, no sentido de evitar o desprazer. Entretanto, essa tendência torna-se prejudicial, quando é dirigida contra idéias que são capazes, sob a forma de lembranças, de liberar um novo desprazer, como é o caso das idéias sexuais. Ele está interessado na especificidade do “recalque” na psicose e chama a atenção para a semelhança da natureza da experiência traumática entre a paranóia e a neurose obsessiva, enfatizando que na paranóia o recalque só se efetua depois que a lembrança já causou desprazer. Assim, o desprazer é dirigido para os semelhantes, segundo o mecanismo da projeção. A desconfiança em relação aos outros surge como o sintoma primário da paranóia, assim a auto-recriminação pode ser evitada.

O “recalque” do afeto torna-se o elemento constante na doença e o retorno do recalcado pode comportar apenas o afeto ou o afeto acompanhado da lembrança. No último caso, o conteúdo da experiência retorna como um pensamento ou como uma alucinação visual ou sensorial. Quando o afeto retorna, isoladamente, ele o faz sob a forma de alucinações auditivas. As vozes trazem de volta as auto-recriminações, de forma que as frases são distorcidas e transformadas numa ameaça e, posteriormente, associadas à desconfiança.

Nesse primeiro momento a noção de recalque – que se tornará um conceito chave na concepção das neuroses – se confunde e recobre a noção de defesa.³² Freud constrói a teoria da etiologia sexual das neuroses, na qual ainda convivem a etiologia traumática e a defesa contra o conflito entre representações inconciliáveis ou entre um

³² Durante algum tempo, a palavra *Abwehr*, traduzida por *defesa*, foi utilizada como equivalente a *recalque*, mas, ao longo da obra, o conceito de *Abwehr* sofreu muitas elaborações, sendo utilizado mais tarde como designação genérica para *mecanismos de defesa*, englobando uma ampla gama de processos, tais como recalque, projeção e negação. Cf. HANS. *Dicionário comentado do alemão de Freud*, p.126.

desejo e o eu. Ele afirma que o trauma é sexual, mas que sua ocorrência é “pré-sexual”, ou seja, ocorre antes da maturidade genital, própria da puberdade. Freud supõe a existência de dois acontecimentos no trauma: numa primeira cena, chamada de sedução, a criança sofre uma tentativa sexual por parte do adulto, sem que esta dê origem nela a qualquer excitação sexual; uma segunda cena, muitas vezes aparentemente anódina e ocorrida depois da puberdade, vem evocar a primeira por qualquer traço associativo. Ou seja, a primeira cena só é traumática *a posteriori*, quando ela recebe uma significação a partir de um segundo acontecimento, por uma segunda cena. Freud, mais tarde, apresenta, no lugar da etiologia traumática, a vida fantasística e as fixações nas diversas fases libidinais. Embora o “ponto de vista traumático” não seja abandonado, ele integra-se a uma concepção que apela para outros fatores, como a constituição e a história infantil.³³

Em “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa”,³⁴ Freud mantém a defesa como sendo o núcleo do mecanismo psíquico das neuroses e das psicoses. Embora estabeleça que a histeria opere pela via da conversão e a neurose obsessiva pela via da substituição, ele permanece com a hipótese de que a paranóia é uma psicose de defesa proveniente do recalque de lembranças aflitivas, cujos sintomas são determinados pelo conteúdo do que foi recalcado. Ele considera as alucinações características desse quadro clínico, sintomas do retorno do recalcado, sintomas que retornam sob a forma de pensamentos em voz alta. Para se adaptar a esses pensamentos, o eu é alterado por delírios, os chamados delírios interpretativos.

Freud percebeu uma particularidade do recalque no caso das psicoses. Como na histeria o método do recalque seria a “conversão” e na neurose obsessiva a “substituição”, ele propõe para a paranóia o mecanismo da “projeção”. Podemos

³³ LAPLANCHE, PONTALIS. *Vocabulário de psicanálise*, p.525.

³⁴ FREUD. Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa (1896), v.III.

verificar, nesse momento da teorização de Freud, sua “intenção”, se assim podemos dizer, de diferenciar os mecanismos que atuam nas neuroses e nas psicoses. No entanto, verificamos também a existência de muitos pontos em comum entre as duas formas clínicas. O que está posto na descoberta freudiana é que os sintomas do neurótico revelam uma forma desviada de satisfação sexual. O problema, nesse momento, é como elaborar a estrutura das psicoses no quadro da teoria geral da libido.³⁵

AS RE-ELABORAÇÕES FREUDIANAS

Freud envia a Jung uma carta³⁶ na qual ele expõe algumas observações sobre a paranóia, mantendo sua idéia de que haveria, nessa afecção, um tipo específico de “recalque”, que ele chama de projeção: uma idéia – o conteúdo de um desejo – torna-se consciente, ou seja, essa idéia que se originou no íntimo é projetada para fora, reaparecendo como vinda do exterior, como uma realidade percebida. Dessa maneira, o recalque manifesta-se em oposição a tal idéia. O afeto correspondente é retido no eu, ocorrendo a inversão em desprazer.

Para Freud, a consciência só registra dois tipos de experiência: as percepções do exterior que têm qualidades,³⁷ mas são destituídas de afeto, e as percepções do interior – “sensações” – que são manifestações de impulsos em certos órgãos. Essas percepções internas são, ao contrário das externas, destituídas de qualidades, mas apresentam grande quantidade de afeto. O que surge como percepção é aceito como verdade, mas o que se origina no interior é submetido a um teste de realidade, que consiste em uma redução às percepções e em uma tendência ao recalque das qualidades desprazerosas das sensações.

³⁵ LACAN. *O seminário*, livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954), p.141.

³⁶ Carta 22F, 14 de abril de 1907, p.74-6.

³⁷ Quando Freud aborda a noção de *qualidade*, no “Projeto...” de 1895, ele a associa aos *signos de realidade*, aquilo que é percebido da realidade.

Como a pulsão sexual é originalmente auto-erótica, somente mais tarde a memória será investida afetivamente e a fantasia precisará submeter-se ao recalque para se tornar consciente. O investimento libidinal da representação deve ser retirado para que seu conteúdo seja projetado à extremidade perceptiva. Na paranóia, a libido é retirada do objeto e o que foi desinvestido libidinalmente da representação retorna sob a forma de alucinação, isto é, de uma crença na percepção. A hostilidade ao objeto encontrada na paranóia indica o paradeiro da libido, ou seja, a hostilidade é a percepção interna do desinvestimento libidinal: “é provável que o investimento retirado do objeto tenha retornado ao eu, tornando-se auto-erótico”.³⁸ O eu paranóide é, então, superinvestido, egoísta, megalômano.

Freud refere-se à hipocondria como um processo orgânico, no qual ocorre uma retirada dos investimentos libidinais para o eu, para dentro da esfera auto-erótica, com transformação do afeto em desprazer. Quando esse mecanismo é usado com propósitos de recalque, temos a paranóia. Nesse caso, a defesa fracassa, pois, na tentativa de reencontrar o objeto, a libido transforma as representações em alucinações, com inversão do afeto em desprazer. A libido recalcada é, gradativamente, transformada em convicção, em crença, dando ao delírio toda a sua força. O delírio é intenso porque sua fonte é a libido.

Na carta seguinte,³⁹ Freud retifica sua concepção de que a histeria se desenvolveria em direção à demência precoce, afirmando agora que a histeria chega ao fim e é substituída pela demência precoce. Ele distingue a demência precoce da paranóia a partir do retorno ao auto-erotismo, ou seja, a demência corresponderia ao sucesso e a paranóia ao fracasso desse retorno, pois a libido provém das percepções transformadas em alucinações. Esse retorno ao auto-erotismo é catastrófico para a

³⁸ Carta 22F, 14 de abril de 1907, p.75.

³⁹ Carta 23F, 21 de abril de 1907, p.77-8.

integridade da personalidade. Jung, por sua vez, acredita que a libido, na demência precoce, se retira do *objeto real* e se apega a uma cópia fantasista dele, com a qual passa a disputar seu clássico jogo auto-erótico. Quanto ao mecanismo da projeção: para ele, a projeção para o extremo de percepção nasce do desejo primevo de realidade, o qual, se não for atingido, alucina sua realidade própria.⁴⁰

Na carta 25,⁴¹ Freud comenta as observações de Jung detendo-se em dois pontos que lhe chamam a atenção: a retirada da libido do objeto e as diferenças entre a projeção paranóica e outras projeções. Quanto ao primeiro problema, desde que a libido tenha um objeto real ou imaginado, a libido não é auto-erótica. A libido só pode se manifestar auto-eroticamente após ter abandonado a representação de objeto, que é, desse modo, destituída do investimento que a caracterizava como interna, ficando em condições de ser tratada como uma percepção e podendo ser projetada ao exterior. Tal processo ocorre em dois tempos: a queda da libido no recalque e o retorno da libido. Como hipótese para esse duplo processo, Freud propõe que: a) o recalque pode ser bem sucedido e, nesse caso que é característico na demência precoce, a libido retorna para o auto-erotismo, empobrecendo a psique; b) devido ao fracasso da projeção, uma parte da libido é dirigida para o auto-erotismo e uma outra busca o objeto; c) o recalque fracassa após a projeção do desejo. Nesse caso, o auto-erotismo não se desenvolve, a libido é transformada em convicção e o eu é secundariamente transformado.

Ao final de suas considerações, Freud afirma: “as vicissitudes da libido, sua localização em relação ao eu e ao objeto, e as modificações do recalque, sua causa e o ritmo em que ocorrem, são fatores que sem dúvida alguma determinam o caráter das neuropsicoses e psicoses”.⁴²

⁴⁰ Carta 24J, 13 de maio de 1907, p.79-81.

⁴¹ Carta 25F, 23 de maio de 1907, p.81-3.

⁴² Carta 25F, 23 de maio de 1907, p.83.

A partir das cartas, testemunhamos Freud tentando, de todas as formas, transmitir a Jung que o auto-erotismo seria a essência da demência precoce. Freud também sugeriu a idéia do auto-erotismo na demência precoce a Abraham.⁴³ Este, ao contrário de Jung, abraçou o problema da etiologia sexual e apresentou um paralelo entre histeria e demência precoce baseado nas diferenças psicosexuais entre elas. Seu trabalho sobre o tema foi apresentado no Primeiro Congresso de Psicanálise, realizado em Salzburgo, em 1908.

Ele parte da idéia de que era necessário buscar na teoria freudiana do desenvolvimento psicosexual o caráter irreduzível da diferença entre as afecções para que o estabelecimento de um diagnóstico diferencial fosse realizado. Uma vez que a psicanálise demonstrara que tais afecções se originavam de complexos sexuais reprimidos e que suas formas de expressão somente diferiam em grau, ele introduz a teoria do desenvolvimento psicosexual normal, iniciando pelo auto-erotismo primitivo e dirigindo-se à atividade heterossexual adulta, passando pelos estágios perversos das fixações nas zonas erógenas.⁴⁴

Segundo Abraham, a constituição psicosexual da demência precoce se fundamenta em uma inibição do desenvolvimento. A superação do auto-erotismo fracassaria, havendo, de maneira anormal, a persistência das pulsões parciais, ou seja, essa constituição psicosexual anormal na demência precoce é orientada pelo auto-erotismo. Diante destas constatações, Abraham acredita ser desnecessário a discussão sobre a teoria tóxica proposta por Jung.⁴⁵

⁴³ Karl Abraham (1877-1925) nasceu em Bremen, numa família judaica. Ao terminar o curso de medicina, ingressou, em 1904, no Hospital Burghölzli, em Zurique. Aí conheceu Jung e vários futuros discípulos de Freud. Visitou Freud em 1907, data em que iniciou seu trabalho psicanalítico.

⁴⁴ Cf. MEZÊNCIO. *A aplicação da psicanálise no tratamento da psicose*, p.49.

⁴⁵ ABRAHAM. *Diferencias psicosexuales entre histeria y demencia precoz*. (1946), p.351-64.

JUNG E SUA *PSICOLOGIA DA DEMENTIA PRAECOX*

Como vimos acima, Jung despertou o interesse de Freud, principalmente pelo fato de trabalhar diretamente com psicóticos e ter considerado o método psicanalítico em seu livro *A psicologia da dementia praecox*. Nesse estudo, Jung apresenta os argumentos para pensar uma psicogênese das doenças mentais, entretanto, sugere a existência de uma “toxina metabólica”, algo como a droga mescalina, que estaria na origem dos sintomas da demência precoce.

No primeiro capítulo, Jung faz uma revisão da bibliografia especializada, buscando evidenciar como as concepções e pesquisas, que, aparentemente, não têm nenhuma relação entre si, convergem para um mesmo objetivo. Ele encontra nessa revisão uma variada nomenclatura da demência precoce: embotamento aperceptivo, dissociação, rebaixamento do nível mental, cisão da consciência, desintegração da personalidade. Jung ressalta ainda que Freud toca no fato importante da existência de série de idéias dissociadas, tendo o mérito de ter comprovado pela primeira vez, num caso de demência precoce, paranóide, o “princípio de conversão”. Argumenta, no entanto, que a teoria freudiana é insuficiente para explicar a disposição para a demência precoce e não para a histeria:

...o complexo histerogênico produz sintomas reparáveis, enquanto na dementia praecox [...] haveria uma manifestação específica do afeto (toxina?) que aciona definitivamente a fixação do complexo, comprometendo o conjunto das funções psíquicas. Não podemos abandonar a possibilidade de que essa “intoxicação” seja devida, sobretudo, a causas “somáticas”, chegando ela a apropriar-se do complexo, que por acaso é o último, e transformá-lo.⁴⁶

⁴⁶ JUNG. *A psicologia da dementia praecox* (1907), p.29-30.

Jung insiste que, apesar de existir uma cadeia causal aparentemente ininterrupta de acontecimentos psicológicos que vão do normal ao patológico, ele não abandona a possibilidade de que as causas metabólicas poderiam ser primárias.

É no quarto capítulo desse estudo que Jung traça um paralelo entre a demência precoce e a histeria, apresentando a aplicação das teses freudianas a respeito da histeria no quadro da demência precoce. A histeria contém, em sua essência mais profunda, um complexo que jamais pode ser totalmente superado; a psique pára e não consegue libertar-se desse complexo. Grande parte das associações volta-se para o complexo e a atividade psíquica consiste, fundamentalmente, em elaborá-lo. Assim o indivíduo vai se desajustando cada vez mais ao meio ambiente. Os sonhos e delírios de desejo nos histéricos ocupam-se exclusivamente com a satisfação do desejo do complexo. Após algum tempo, muitos histéricos conseguem readquirir o equilíbrio, superando o complexo e evitando novos traumas.

Na histeria, as personalidades são dissociadas e permanecem numa espécie de inter-relação, sempre oferecendo a imagem de uma personalidade total. Há apenas a divisão parcial de alguns compartimentos da memória, mas a personalidade básica está sempre presente, ela é contínua. Na demência precoce também são encontrados um ou mais complexos que se fixaram de maneira duradoura. Aqui também existem complexos que não podem ser superados. Enquanto que, nas pessoas com predisposição para a histeria, existe uma conexão causal necessária entre o complexo e a doença, na demência essa relação não é clara. Em um grande número de casos, um afeto forte se encontra no começo da doença, a partir do qual se desenvolvem os primeiros desajustes. Nesses casos, existe sempre uma tendência em atribuir um significado causal ao complexo, apesar de ele produzir, ao lado de seus efeitos psicológicos, uma quantidade indeterminada de toxinas que auxilia o trabalho de destruição. A personalidade aqui é

fragmentária, a dissociação é profunda e os fragmentos jamais se juntam. A psicose deve ser compreendida do ponto de vista psicológico e químico.

Jung acredita que, inicialmente, essa quantidade indeterminada provenha de causas não psicológicas, acionando o complexo existente e transformando-o de modo específico, o que provoca essa impressão do complexo como causa. As conseqüências psicológicas permanecem as mesmas: a psique não mais se liberta do complexo. A melhora ocorre pela atrofia do complexo que, no entanto, provoca uma destruição extensiva de grande parte da personalidade e, no melhor dos casos, os dementes precoces passam a viver com uma mutilação psíquica. A alienação e o desinteresse da realidade, comuns nos dementes são explicados pelo fato de que eles se encontram sob o domínio permanente de um complexo insuperável. Jung pensa a toxina como um corpo altamente desenvolvido que adere a todos os processos psíquicos, especialmente aos de tonalidade afetiva, fortalecendo-se e automatizando-se. O complexo absorve amplamente a atividade cerebral, provocando uma espécie de “descerebralização”.

FREUD E FLIESS: UM RETORNO AO PROBLEMA DA TOXINA

Já fizemos referência à carta de Freud, na qual ele observa a tendência de Jung em recorrer às toxinas, omitindo o fator fundamental que é a sexualidade.⁴⁷ Entretanto, a resposta de Jung à provocação de Freud é curiosa. Justifica o recurso às “toxinas” por temer mal-entendidos provenientes da “notória índole obtusa do respeitável público” – leia-se: comunidade científica. Para ele, a idéia de que uma secreção endócrina “interna” possa ser a causa de perturbações psíquicas e de que talvez a produção das toxinas deva-se às glândulas sexuais é perfeitamente compatível. Mas devido à falta de

⁴⁷ Cf. carta 11F, 1º. de janeiro de 1907, p.57.

provas, abandonou essa hipótese, aplicando-a, mais tarde, à epilepsia, na qual, segundo lê, o complexo sexual-religioso ocupa um lugar central.⁴⁸

Em seu intercâmbio teórico com Fliess,⁴⁹ Freud confrontou-se com a tendência do médico alemão a orientar-se de forma pretensamente científica. Ambos tinham em comum um grande interesse pela sexualidade e esse interesse os leva à constatação de que a causa das moléstias que tratavam estava aí: tinham como origem a sexualidade. Fliess procurava descrever os fenômenos da fisiologia médica apoiando-se nas descobertas da física, da química e da matemática. Seu interesse era o de descobrir as bases científicas, sobretudo orgânicas, de uma nova síndrome, que ele chamava de *neurose nasal reflexa*.⁵⁰

Fliess pretendia demonstrar a origem nasal da dismenorréia e, com isso, a tendência à periodicidade de todas as atividades vitais. Com essa teoria, ele constrói uma verdadeira lei universal da natureza, ou seja, ele atinge uma concepção grandiosa de um universo regulado pela menstruação: “tudo o que é periódico é menstrual”.⁵¹ O objeto dessa lei universal, para Fliess, é a toxina sexual, substância e princípio único, tanto da vida e da morte. Ele constrói uma teoria da angústia, tomando-a como o resultado do acúmulo de toxina sexual não liberada pela vida normal.⁵²

Freud, por sua vez, tenta estabelecer a teoria da neurose de angústia, que consiste em uma acumulação física de excitação, uma acumulação de tensão sexual física. Para ele, a neurose de angústia é uma neurose de represamento; ela surge por transformação a partir da tensão sexual acumulada. O que interessa a Freud é a excitação endógena, cuja fonte situa-se dentro do corpo do indivíduo, a saber, a fome, a

⁴⁸ Carta 12 J, 8 de janeiro de 1907, p.58.

⁴⁹ Wilhelm Fliess era otorrinolaringologista em Berlim, foi a Viena no outono de 1887 para estudar e assistiu a algumas conferências de Freud sobre neurologia. A partir de então, os dois iniciam uma correspondência que se estende até 1904. Fliess fez pesquisas sobre as relações entre o nariz e os órgãos.

⁵⁰ SANTIAGO. *A droga do toxicômano*, p.79-80.

⁵¹ ANDRÉ. *O que quer uma mulher?*, p.35.

⁵² ANDRÉ. *O que quer uma mulher?*, p.36.

sede, a pulsão sexual. É apenas quando essa tensão endógena ultrapassa um determinado limiar que passa a ter a significação psíquica. Ou seja, “acima de certo nível, essa tensão sexual física desperta a libido psíquica que induz ao coito. Quando a reação específica deixa de se realizar, a tensão físico-psíquica (afeto sexual) aumenta desmedidamente”.⁵³ Verificamos que o termo “libido” é usado aqui pela primeira vez por Freud, o que nos permite concluir que o que ele chama de “tensão sexual acumulada” é uma outra maneira de nomear a libido. Podemos perceber que, na origem da psicanálise, a teoria tóxica da libido ocupa um lugar essencial e é exatamente a hipótese substancialista da libido um dos pontos de contato entre a teoria de Freud e a de Fliess, que é também, como acabamos de ver, a concepção de Jung.

O relacionamento de Freud e Fliess é fortemente abalado após o dramático episódio com Irma.⁵⁴ Freud, então, recua diante de toda assimilação da sexualidade ao princípio único e universal da toxina, ele passa a não acreditar mais no princípio único dessa toxina.⁵⁵ Para Freud, a libido apresenta um impulso constante manifesto na pulsão sexual e essa concepção da libido é radicalmente incompatível com o caráter periódico da descarga da toxina sexual em Fliess. Ao contrário de Freud, a libido para Fliess comporta, necessariamente, o fluxo periódico da substância sexual, que, no corpo, viaja entre o nariz e o sexo, passando por vários órgãos e, alternadamente, fazendo-os inchar e murchar.⁵⁶ Freud concebe a libido como uma constante energética, como energia suscetível de transformações e trocas. Notamos que Freud está apoiado no ideal do reducionismo cientificista ao recusar tudo o que está além dessa

⁵³ FREUD. Rascunho E: Como se origina a angústia (1894), v. I, p.273.

⁵⁴ Cf. “O sonho da injeção de Irma”, descrito em FREUD. *A interpretação dos sonhos* (1900), v.IV, p.127-40, bem como os comentários de SANTIAGO. *A droga do toxicômano*, p.85-90, sobre esse episódio.

⁵⁵ SANTIAGO. *A droga do toxicômano*, p.86-7.

⁵⁶ SANTIAGO. *A droga do toxicômano*, p.84.

termodinâmica⁵⁷ energética, pois “todo saber previsível sobre o real da libido corre o risco de cair no delírio paranóico”⁵⁸.

Ao considerar a toxina sexual um elemento da teoria analítica, Freud acreditava que o progresso da ciência poderia, no futuro, elucidá-lo. Ele mantém-se convencido da necessidade de procurar nas manifestações da libido o traço material do princípio da toxina sexual única. Verificamos a crença de Freud no substrato tóxico da libido num momento importante de reformulação da sua teoria da libido, a propósito das considerações sobre o narcisismo. Ao mesmo tempo em que está respondendo às críticas de Jung, Freud adverte-nos que as idéias provisórias em psicologia um dia se basearão numa subestrutura orgânica. Isso sugere que os responsáveis pela realização das operações da sexualidade sejam as substâncias e os processos químicos. Ele propõe que essa probabilidade seja levada em conta ao substituir as substâncias químicas especiais por forças psíquicas especiais.⁵⁹ É evidente, nessa passagem, a esperança de Freud de encontrar uma base explicativa para os fenômenos psíquicos nas ciências da natureza.

Acreditamos que é, exatamente, por não descartar o substrato químico da sexualidade que Freud mostrou-se condescendente com Jung, ao não criticar de maneira mais contundente a tendência deste em recorrer às toxinas. Mas veremos no capítulo seguinte que essa condescendência não se sustentará. Investigaremos então as circunstâncias que precipitarão o rompimento desse laço de amizade e trabalho.

⁵⁷ A termodinâmica é uma parte da física que investiga os processos de transformação de energia e o comportamento dos sistemas nesses processos.

⁵⁸ SANTIAGO. *A droga do toxicômano*, p.85.

⁵⁹ FREUD. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914), v.XIV, p.95.

2.

O rompimento

a redução da libido à função analógica do símbolo

O SCHREBER DE FREUD

O fato de Jung ter insistido que Freud lesse a autobiografia do Presidente Schreber é um outro capítulo importante desse relacionamento. Na *Psicologia da demência praecox*, Jung já se referia ao livro de Schreber, que havia sido publicado em 1903 e, no meio psiquiátrico, vinha sendo muito comentado. Entretanto, Freud só se interessou efetivamente pela leitura e análise dessa autobiografia bem mais tarde.⁶⁰ Arriscamos uma hipótese sobre esse interesse tardio de Freud pelo livro de Schreber: provavelmente deve-se ao fato de que ele ainda não tinha uma elaboração consistente sobre a psicose e o trabalho com o círculo de psiquiatras suíços possibilitou a investigação psicanalítica das psicoses. O que Freud fez com as *Memórias*⁶¹ de Schreber tornou-se tão relevante que é impossível não associarmos Schreber a Freud. Não podemos deixar de assinalar também que, a partir dos comentários de Freud sobre o texto de Schreber, um texto longo e delirante, ele o introduz, obrigatoriamente, no percurso de todo psicanalista.

Freud introduz seu estudo advertindo-nos que uma investigação psicanalítica da paranóia só é possível devido ao fato de os próprios pacientes possuírem a peculiaridade de revelar, embora de uma maneira distorcida, aquilo que os neuróticos mantêm em segredo.⁶² Assim, ele justifica o estudo que se propõe a realizar de um paciente que nunca viu, a partir da idéia de que, como os paranóicos não conseguem superar suas resistências internas e só dizem o que querem, trata-se, então, de um distúrbio em que um relatório escrito ou uma história clínica impressa podem tomar o lugar de um conhecimento pessoal do paciente.

⁶⁰ FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato de um caso de paranóia (*dementia paranoides*) (1911), v.XII, p.14-108.

⁶¹ SCHREBER. *Memórias de um doente dos nervos*.

⁶² FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato de um caso de paranóia (*dementia paranoides*) (1911), v.XII, p.23.

Freud estrutura seu ensaio sobre Schreber compondo-o de três partes seguidas de um apêndice. Na primeira, “A história clínica”, ele faz uma verdadeira anamnese, apresentando-nos Daniel Paul Schreber, o histórico de suas enfermidades, internações e delírios; a segunda parte, chamada “Tentativas de interpretação”, visa a compreender o texto delirante de Schreber; na terceira parte, “Sobre o mecanismo da paranóia”, ele faz uma síntese das duas partes anteriores, considerando que o que deve ser procurado como característico da paranóia é o mecanismo por meio do qual os sintomas são formados ou o recalque é ocasionado; e no “Pós-escrito”, demonstra que Jung tinha razão no que diz respeito às forças criadoras de mitos da humanidade: “estas forças não se acham extintas, pois originam nas neuroses os mesmos produtos psíquicos que originaram nas mais remotas eras passadas”.⁶³

Freud aborda, desde a anamnese, três pontos importantes do delírio de Schreber, a saber, a sua transformação em mulher, cuja feminização lhe permitiria engendrar uma nova raça humana; a relação ambivalente de adoração e de revolta com o Deus de seu delírio; e, por fim, a “relação genética essencial entre esses dois elementos” como tentativa de iludir um conflito relativo a um desejo homossexual. Podemos dizer que é à luz desta última consideração, retomada diversas vezes ao longo desse escrito e em textos posteriores, que Freud desvela a arquitetura de um delírio e faz dele o modelo de todas as psicoses.⁶⁴

Inicialmente, Freud inclinou-se a realizar uma analogia entre o delírio e o sonho, pois, para ele, o sonho constituía-se como uma das vias reais de acesso ao inconsciente e acreditava, conseqüentemente, que o delírio poderia ser apreendido enfatizando as semelhanças entre eles.⁶⁵ Entretanto, no estudo sobre as *Memórias* de Schreber, ele

⁶³ FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato de um caso de paranóia (*dementia paranoides*) (1911), v.XII, p.107.

⁶⁴ VINCENT. *La psychose freudienne: l'invention psychanalytique de la psychose*, p.88.

⁶⁵ FREUD. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen (1907 [1906]), v.IX.

introduz uma primeira ruptura nessa analogia, revelando o delírio como uma tentativa de cura.

A distinção torna-se mais evidente em 1915, em seu artigo sobre “O inconsciente” e, em 1917, no “Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos”. Ele afirma que, na esquizofrenia, são as próprias palavras nas quais o pensamento pré-consciente foi expresso que se tornam objeto de modificação pelo processo primário; nos sonhos, o que está sujeito a essa modificação não são as palavras, mas a apresentação da coisa à qual as palavras foram levadas de volta. Nos sonhos, há uma regressão topográfica, ao passo que na esquizofrenia não. Nos sonhos, a comunicação entre investimentos da palavra (Pcs) e investimentos da coisa (Ics) é livre, enquanto que na esquizofrenia essa comunicação é interrompida.⁶⁶

Freud observa ainda que, na esquizofrenia, as palavras estão submetidas ao mesmo processo que produz as imagens do sonho a partir dos pensamentos latentes, que ele chama de processo psíquico primário, ou seja, as palavras passam por uma condensação e, por meio do deslocamento, transferem integralmente seus investimentos de umas para as outras. Tal processo pode ir tão longe que uma única palavra, se for especialmente adequada devido a suas numerosas conexões, assume a representação de todo um encadeamento de pensamento: são os neologismos. Na linguagem esquizofrênica, a relação entre as palavras predomina sobre a relação entre as coisas; melhor dizendo, se os investimentos de objeto são abandonados, o investimento das relações de palavra dos objetos é mantido. O psicótico, então, em sua tentativa de cura, por meio do delírio, é levado a ter de “se contentar com palavras no lugar de coisas”.⁶⁷

A análise que Freud empreende sobre o delírio de feminização de Schreber é toda ela voltada para o sentido de compreendê-lo como uma defesa contra o desejo

⁶⁶ FREUD. Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos (1917 [1915]), v.XIV, p.260.

⁶⁷ MALEVAL. *Logique du delire*, p.38.

homossexual. Ele cita inclusive que, para certificar-se de que sua hipótese estava certa, reuniu-se a seus colaboradores mais próximos, C.G. Jung e Sándor Ferenczi, a fim de pesquisar em um certo número de casos de paranóia essa característica da fantasia de homossexualidade. Freud diz que o resultado confirmou sua teoria, mas não sem deixá-los “estupefatos”, pois descobriram que em todos os casos observados havia uma defesa contra o desejo homossexual e a moléstia relacionava-se, exatamente, a uma tentativa fracassada de dominar o homossexualismo.⁶⁸

No esforço de compreender o papel desempenhado pelo desejo homossexual no desenvolvimento da paranóia, ele lança mão do conceito de *narcisismo*, para localizar um estágio do desenvolvimento da libido, entre o auto-erotismo e o amor objetal. Ele explica esse processo considerando um momento no desenvolvimento do indivíduo, no qual sua pulsão sexual, que até então investia atividades auto-eróticas, é reunida com o objetivo de conseguir um objeto amoroso; inicialmente toma a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso e, subseqüentemente, dirige sua escolha para outra pessoa como objeto.

Essa fase entre o auto-erotismo e o amor objetal pode ser indispensável, mas algumas pessoas permanecem nela por um tempo relativamente longo, contribuindo para que muitas de suas características sejam levadas para estádios posteriores do desenvolvimento. Freud toma como um exemplo de escolha de objeto amoroso feita pelo sujeito os seus próprios órgãos genitais que, seguindo a linha de desenvolvimento, acaba por conduzi-lo à escolha de um objeto externo com órgãos genitais semelhantes, caracterizando uma escolha homossexual, para em seguida passar ao heterossexualismo. Conclui, assim, que as pessoas que se tornaram

⁶⁸ FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato de um caso de paranóia (*dementia paranoides*) (1911), v.XII, p.81.

homossexuais nunca se emanciparam, ou seja, o objeto de sua escolha deve possuir o mesmo órgão genital que o seu.⁶⁹

Ao se atingir o estágio de escolha objetal heterossexual, as tendências homossexuais não são deixadas de lado, mas sim, “desviadas de seu objetivo sexual e aplicadas a novas utilizações”.⁷⁰ Essas “novas utilizações” são entendidas como sublimações, à medida que as tendências homossexuais ligam-se a partes das pulsões do eu, contribuindo para constituir as pulsões sociais.

Cada estágio do desenvolvimento psicosssexual possibilita uma oportunidade de “fixação” em um ponto que, posteriormente, pode operar como disposição para uma enfermidade. As pessoas, por exemplo, que não se libertaram completamente do estágio do narcisismo encontram-se expostas ao perigo de que alguma vaga intensa de libido, ao não encontrar um escoadouro, possa conduzir a uma sexualização de suas pulsões sociais, desfazendo as sublimações que já haviam alcançado no curso de seu desenvolvimento. Isso pode ser produzido por qualquer coisa que faça a libido fluir regressivamente. Freud acredita que a “frustração”⁷¹ pode ser uma das causas que impedem a libido de encontrar um canal aberto para escoar e a fazem, conseqüentemente, irromper em um ponto mais fraco. Uma vez que os paranóicos esforçam-se por proteger-se contra a sexualização de seus investimentos pulsionais sociais, a hipótese de Freud é que o ponto fraco dessa enfermidade, bem como sua disposição a ela, deve ser buscado em algum lugar entre os estádios de auto-erotismo, narcisismo e homossexualismo.⁷²

⁶⁹ FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato de um caso de paranóia (*dementia paranoides*) (1911), v.XII, p.83.

⁷⁰ FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato de um caso de paranóia (*dementia paranoides*) (1911), v.XII, p.83.

⁷¹ Freud dá dois exemplos de frustração: por um lado, a libido pode se tornar colateralmente reforçada, devido a algum desapontamento com uma mulher, ou ser diretamente represada devido a um infortúnio nas relações sociais com outros homens.

⁷² FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato de um caso de paranóia (*dementia paranoides*) (1911), v.XII, p.84-5.

A partir dessas considerações, Freud assume o ponto de vista de que o que constitui o cerne do conflito paranóico é, realmente, a fantasia de desejo homossexual. Essa confirmação, no entanto, é deduzida, gramaticalmente, a partir da gênese das principais formas de delírios paranóicos, as quais constituiriam uma defesa contra as pulsões homossexuais e produziriam, exaustivamente, maneiras de negar a proposição: *Eu* (um homem) *o amo* (um homem). Para essa proposição, ele propõe quatro contradições:

1. Delírio de perseguição: nessa forma de delírio a negação assenta-se sobre o verbo, tornando-se “Eu não *o amo*, eu *o odeio*”. Como essa afirmação é inaceitável para a consciência, ela deve ser substituída por uma percepção vinda do exterior. Conseqüentemente, o mecanismo da projeção intervém, transformando a proposição “eu *o odeio*” em “ele me persegue”, ou seja: “Eu não *o amo*, eu *o odeio*, porque ELE ME PERSEGUE”. Freud ainda observa que o perseguidor é sempre alguém que foi anteriormente amado.

2. Erotomania: obedecendo à mesma necessidade de projeção para que a proposição torne-se aceitável, dessa vez o acento da negação está sobre o objeto, para transformá-lo – “eu não *o amo*, eu *a amo*, porque ELA ME AMA”. É aí que o delírio erotomaníaco encontraria sua gênese.

3. Delírio de ciúme: nessa forma de delírio, é o sujeito da frase que é negado, ou seja, “não sou *eu* quem ama o homem (ou a mulher), é *ela* (ele) quem o (a) ama”. A mudança do sujeito que ama é suficiente para que todo o processo seja lançado para fora do eu, de forma que o mecanismo da projeção não é colocado em jogo no delírio de ciúme. O fato de a mulher amar os homens refere-se à percepção externa para ele, ao passo que os fatos de que ele próprio não ama, mas odeia, ou

de que ele mesmo ama não esta, mas aquela pessoa, são assuntos de percepção interna.

4. Megalomania: Freud propõe essa quarta forma de delírio como aquele que nega a proposição como um todo, a saber, “não amo de modo algum, não amo ninguém”. Como a libido tem de ir para algum lugar, essa proposição parece equivaler psicologicamente a: “*Eu só amo a mim mesmo*”. A megalomania seria, portanto, a supervalorização sexual do eu.⁷³

Antes de nos determos mais demoradamente sobre esse ponto da megalomania, cabe aqui uma parada sobre o mecanismo da projeção. Freud descreve esse processo nos “Rascunhos H e K” como sendo um traço importante e absolutamente patognomônico da paranóia, que encontra aqui, nas “Notas...” sobre Schreber, uma nova confirmação. Retificando suas afirmações descritas nos “Rascunhos”, ele diz:

(...) uma percepção interna é suprimida e, em seu lugar, seu conteúdo, após sofrer certo tipo de deformação, ingressa na consciência sob a forma de percepção externa. Nos delírios de perseguição, a deformação consiste numa transformação do afeto; o que deveria ter sido sentido internamente como amor é percebido como ódio.⁷⁴

Mas Freud reconsidera tais afirmações por dois motivos: primeiro, porque observa que a projeção não desempenha o mesmo papel em todas as formas de paranóia; e, em segundo lugar, porque ela aparece em outras condições psicológicas. Ele deixa, no entanto, em suspensão, o problema da projeção para se dedicar à investigação do mecanismo do recalque na paranóia, acreditando poder elucidar a história do desenvolvimento da libido. Freud descreve, a partir de Schreber, o mecanismo de recalque na paranóia: a libido desliga-se, silenciosamente, das pessoas e

⁷³ FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato de um caso de paranóia (*dementia paranoides*) (1911), v.XII, p.88.

⁷⁴ FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato de um caso de paranóia (*dementia paranoides*) (1911), v.XII, p.89.

coisas anteriormente amadas. O que é ruidoso é o processo de cura, que desfaz o trabalho do recalque e traz a libido de volta às pessoas que ela havia abandonado. Esse processo é efetuado, na paranóia, via projeção.

Para ilustrar esse processo, Freud lança mão da crença de Schreber no fim do mundo, assinalando que o paciente retirou das pessoas de seu ambiente e do mundo externo o investimento libidinal que até então havia dirigido a eles. O fim do mundo seria a projeção dessa catástrofe interna; seu mundo subjetivo teria chegado ao fim, desde o retraimento de seu amor por ele.⁷⁵ A formação delirante, conclui Freud, é na realidade uma tentativa de reconstruir esse mundo.

A partir do que foi exposto acima, uma retificação é feita ao mecanismo da projeção: “Foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetada para o exterior; a verdade é, pelo contrário, que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora”.⁷⁶ O que retorna desde fora é algo frente ao qual o sujeito não dispõe de nenhum juízo, o sujeito não pode fazer nem o juízo de atribuição, nem o juízo de existência.⁷⁷

Freud observa, entretanto, que o desligamento da libido não pode ocorrer exclusivamente na paranóia, visto ser um mecanismo essencial e regular de todo recalque. A característica especial que distingue o desligamento paranóico da libido dos outros tipos refere-se ao fato de que, em uma pessoa normal, a procura por um substituto para a ligação perdida inicia-se imediatamente e, enquanto esse encontro não acontece, a libido liberada é mantida em suspenso na mente, dando origem a tensões e alterações do humor. Na histeria, por exemplo, essa libido liberada transforma-se em

⁷⁵ FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato de um caso de paranóia (*dementia paranoides*) (1911), v.XII, p.94-5.

⁷⁶ Freud substitui “suprimida” (*unterdrückte*) por “abolida” (*aufgehobene*) e “projetada para o exterior” por “retornando de fora”, conforme assinalado por Elisa Alvarenga em *O conceito de psicose em Freud*.

⁷⁷ Será apresentado na seção “O ‘não’ constituinte: *Die Verneinung*”, p.76, as noções de juízo de atribuição e juízo de existência.

inervações somáticas ou em ansiedade. No caso da paranóia, a libido, após ter sido retirada do objeto, vincula-se ao eu e é utilizada para o seu engrandecimento. Voltamos, nesse momento, para o problema da megalomania, que havíamos colocado, temporariamente, em suspenso.

A megalomania é uma característica comum à maioria dos casos de paranóia e ela pode, isoladamente, segundo Freud, constituir uma paranóia. Trata-se, nesse movimento da libido, de um retorno ao estágio narcísico, no qual o único objeto sexual de uma pessoa é seu próprio eu. Os paranóicos estariam, portanto, fixados nesse estágio do desenvolvimento. Esse será o ponto crucial do qual partirão inúmeros desdobramentos sobre os destinos da libido na neurose e na psicose, além de constituir-se no nó da querela que nos interessa nessa pesquisa, a saber, a discordância radical com Jung.

Freud admite que o desligamento da libido possa ser tanto parcial, como um retraimento da libido a partir de algum complexo, quanto geral, resultando no delírio de grandeza. Um desligamento parcial deveria ser o mais comum e até preceder o geral, uma vez que as influências da vida fornecem motivo apenas para um desligamento parcial. Essas considerações de Freud permitem-nos concluir que a megalomania é o efeito do desligamento da libido objetal e consiste numa maneira de tratar a paranóia, isto é, a megalomania é um tratamento da paranóia.

Freud questiona, a seguir, se um desligamento geral da libido do mundo externo é suficiente para explicar o “fim do mundo”. Ele pondera que, para explicar esse problema, seria necessário presumir que o que é chamado de *investimento libidinal* (interesse que emana de fontes eróticas) coincide com o interesse em geral, ou ainda considerar a possibilidade de que um distúrbio muito disseminado na distribuição da libido possa ocasionar perturbação nos investimentos do eu.⁷⁸

⁷⁸ FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato de um caso de paranóia (*dementia paranoides*) (1911), v.XII, p.98.

Para uma melhor compreensão desse problema é importante que se tenha uma teoria das pulsões bem fundamentada, com o que Freud, nesse momento, ainda não contava.⁷⁹ Por hora, ele apenas “ventila” que a pulsão seria um conceito na fronteira entre o somático e o mental, representando psiquicamente as forças orgânicas. Assim, ele introduz nesse conceito a concepção biológica de que o indivíduo possui dupla orientação quanto às pulsões: por um lado, visando à autopreservação, estaria a pulsão do eu e, por outro, visando à preservação das espécies, estaria a pulsão sexual. Acreditando na possibilidade de que distúrbios da libido atuem sobre os investimentos do eu, Freud supõe, da mesma forma, que tais processos constituam a característica distintiva das psicoses. Ele não acredita, entretanto, que um paranóico, no auge do recalque retire completamente seu interesse do mundo externo. A mudança de sua relação com o mundo deve ser explicada pela perda do interesse libidinal.

A conclusão de Freud, em sua análise das *Memórias* de Schreber, é que os fenômenos paranóicos e esquizofrênicos podem combinar-se em várias proporções, o que o leva a propor o diagnóstico de demência paranóide para Schreber. Esse diagnóstico é realizado a partir do fato de que, “na produção de fantasias e de alucinações, Schreber apresenta traços parafrênicos, enquanto que, na causa ativadora, no emprego do mecanismo da projeção e no desfecho, exhibe um caráter paranóide”.⁸⁰

O delírio de Schreber empresta à teoria da libido um exemplo bastante importante: os raios de Deus, fibras nervosas e espermatozóides nada mais são do que uma representação concreta e uma projeção para o exterior de investimentos libidinais. Freud termina seu artigo enunciando as duas teses que, segundo ele, seriam as principais, no sentido de que o estabelecimento da teoria da libido das neuroses e das

⁷⁹ No capítulo 3 desta dissertação, dedicaremos algumas seções ao desenvolvimento que Freud realiza, ao longo de sua obra, à teoria das pulsões. Cf. p.78 a 87.

⁸⁰ FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato de um caso de paranóia (*dementia paranoides*) (1911), v.XII, p.103.

psicoses estaria avançando, ou seja, as neuroses surgem, principalmente, de um conflito entre o eu e a pulsão sexual e as formas que elas assumem guardam a marca do curso do desenvolvimento seguido pela libido – e pelo eu.⁸¹ Freud deixa explícito que as formas assumidas pelas neuroses e psicoses são distintas e que essa diferença deve-se não apenas aos distúrbios do desenvolvimento da libido, mas também aos distúrbios do desenvolvimento do próprio eu. Essa afirmação de Freud já anuncia que o conflito entre a pulsão do eu e a pulsão sexual não explicará mais a etiologia das psiconeuroses.

Na seção III da análise do Presidente Schreber, verifica-se a conclusão de Freud sobre os traços de megalomania presentes na paranóia, uma vez que a libido liberada vincula-se ao eu e é utilizada para engrandecê-lo. Dessa forma, faz-se um retorno ao estágio do narcisismo (estádio do desenvolvimento da libido), no qual o único objeto sexual de uma pessoa é seu próprio eu.⁸² Nesse momento é possível perceber a afinidade de Freud com a concepção de introversão,⁸³ proposta por Jung.

No “Pós-escrito”, Freud menciona os trabalhos de Jung sobre o conteúdo simbólico das fantasias e delírios de Schreber. Freud reconhece a riqueza de sua relação com a mitologia, ou seja, a estranha relação do paciente com o sol leva Freud a explicar o sol como sendo um “símbolo paterno” sublimado.

Freud deixa explícita a importância do papel que a sexualidade desempenha na vida psíquica do ser humano, e, quando afirma que os sintomas neuróticos são substitutos da satisfação sexual, inclui aí a satisfação das necessidades sexuais pervertidas. Assim ele constata que os impulsos homossexuais são encontrados com frequência em cada um dos neuróticos. A paranóia, para ele, origina-se de uma tentativa de o doente libertar-se de impulsos homossexuais intensos.

⁸¹ FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato de um caso de paranóia (*dementia paranoides*) (1911), v.XII, p.104.

⁸² FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato de um caso de paranóia (*dementia paranoides*) (1911), v.XII, p.96.

⁸³ Ver glossário anexo, p.99.

À revelia das resistências que enfrentava quanto ao tema da sexualidade, Freud não abriu mão dessa referência e ela orientou toda a prática psicanalítica. Ele advertenos, contudo, que o conceito de *sexualidade* foi ampliado apenas o bastante para podermos compreender a vida sexual dos pervertidos e das crianças. Esse é um recurso da psicanálise e, fora dela, o que se denomina sexualidade refere-se apenas a uma vida sexual restrita, que serve ao propósito da reprodução e é descrita como normal.⁸⁴

Definir o que vem a ser o *sexual* em psicanálise é importante para que possamos sustentar a impossibilidade de excluí-lo da clínica das psicoses. Tomaremos o célebre “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” e investigaremos os pontos fundamentais que elucidam essa questão.

A ETIOLOGIA SEXUAL DA NEUROSE

Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud faz referência aos cuidados maternos como “uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas”. A zona erógena é definida como uma parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade. A produção da sensação prazerosa tem mais a ver com a qualidade do estímulo do que com a natureza das partes do corpo.⁸⁵ Acrescenta, ainda, que a mãe trata a criança claramente como o substituto de um objeto sexual legítimo.⁸⁶

Freud destaca o caráter auto-erótico da vida sexual infantil (seu objeto encontra-se no próprio corpo) e de suas pulsões parciais serem inteiramente desvinculadas e independentes entre si em seus esforços pela obtenção de prazer. As pulsões parciais referem-se aos componentes da atividade sexual infantil, período em que cada pulsão,

⁸⁴ FREUD. Conferência XX: A vida sexual dos seres humanos (1916-17), p.373.

⁸⁵ FREUD. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), p.171-2.

⁸⁶ FREUD. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), p.210.

isoladamente, procura sua satisfação no próprio corpo. O desfecho desse período constitui a chamada vida sexual normal do adulto, na qual a obtenção de prazer fica a serviço da função reprodutora e as pulsões parciais – sob o primado de uma única zona erógena: o falo – formam uma organização, cujo alvo sexual é um objeto sexual alheio.

É pelo jogo combinado das noções de *apoio* e de *auto-erotismo*, que Freud pretende explicar a própria gênese da sexualidade. Ele descreve o fenômeno do *apoio* da pulsão, de uma forma ao mesmo tempo similar e divergente, ou seja, que a pulsão sexual apóia-se numa função não-sexual ou, como o próprio Freud formula, numa “função corporal essencial à vida”: trata-se da fome e da função alimentar. Nas próprias palavras de Freud:

Está claro que o ato da criança que chucha é determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora lembrado. [...] É fácil adivinhar em que ocasiões a criança teve as primeiras experiências desse prazer que agora se esforça por renovar. A primeira e mais vital das atividades da criança – mamar no seio materno (ou em seus substitutos) – há de tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança comportam-se como uma *zona erógena* e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi, sem dúvida, a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida e só depois torna-se independente delas. Quem já viu uma criança saciada recuar do peito e cair no sono, com as faces coradas e um sorriso beatífico, há de dizer a si mesmo que essa imagem persiste também como norma da expressão da satisfação sexual em épocas posteriores da vida. A necessidade de repetir a satisfação sexual dissocia-se então da necessidade de absorção de alimento [...].⁸⁷

Observamos, nessa passagem, que o sexual, a pulsão e o corpo, estão indissolúvelmente ligados, uma vez que, em psicanálise, o sexual está, desde sua origem, associado à satisfação das pulsões. Por conseguinte, a pulsão nasce do corpo, mas apesar de se apoiarem em funções somáticas, as pulsões sexuais constituem-se

⁸⁷ FREUD. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), p.170.

como subversão de tais funções. O bebê extrai prazer de uma atividade que se apoiou, inicialmente, no instinto de alimentar-se, mas que se torna independente dele. Essa subversão aplica-se a outras funções orgânicas, o que faz com que a pulsão sexual possa se apresentar como uma perturbação das funções naturais. Ela encontra finalidade para um órgão que não tem nada a ver com o objetivo de preservação do organismo.

A necessidade de repetir a satisfação sexual através da sucção dissocia-se da necessidade de absorção de alimento devido ao aparecimento dos dentes, uma vez que o alimento não é exclusivamente ingerido por sucção, mas é também mastigado. A criança não abre mão da satisfação sexual que obtém com a sucção e elege para tal não um objeto externo, mas uma parte de sua própria pele, por lhe ser mais cômodo, por torná-la independente do mundo externo que ela ainda não consegue dominar e por se proporcionar uma segunda zona erógena. Freud indica-nos que o sexual está enraizado na satisfação que a criança obtém de seu próprio corpo. Ele é explícito quando associa a natureza da pulsão sexual ao prazer oriundo do corpo. A atividade sexual infantil, para ele, é aquela na qual o sujeito extrai satisfação do seu próprio corpo.

Sendo a excitação sexual da criança proveniente de diversas fontes, ou seja, perverso-polimorfa, seriam construídas na infância, à custa de grande parte das moções sexuais perversas e com a ajuda da educação, as forças destinadas a manter a pulsão sexual em certos rumos. Freud chamou essas forças de “diques”. Afirma ainda que, entre as forças que restringem a orientação da pulsão sexual, pode-se destacar a vergonha, o asco, a compaixão e as construções sociais da moral e da autoridade. Outra parte dessas moções sexuais infantis escapa a esses empregos e consegue expressar-se como atividade sexual.⁸⁸ A pulsão sexual do adulto nada mais é do que o resultado da conjugação das diversas moções da vida sexual infantil que, tendo sofrido a influência

⁸⁸ FREUD. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), p.218. O que Freud chama de *dique* é tudo aquilo que faz barreira, que bloqueia o leito principal da corrente sexual. Refere-se, por diversas vezes nos “Três ensaios...”, ao papel dos diques.

da castração, ordena-se, a partir de então, sob o primado do falo. A pulsão sexual seria, então, composta de diversos fatores que se desfariam, nas perversões, em seus componentes. Sua hipótese, portanto, é de que a pulsão sexual do adulto nasce mediante a conjugação de diversas moções da vida infantil, aspirando a um alvo único, uma unidade.⁸⁹

AS METAMORFOSES DA LIBIDO E A PERDA DA REALIDADE EM JUNG

Em 1911, Jung publica a primeira parte do estudo de um caso de esquizofrenia. Esse livro, lançado inicialmente com o título *Wandlungen und symbole der libido: Beiträge zur Entwicklungsgeschichte des Denkens – Metamorfose e símbolo da libido: Contribuições à história do desenvolvimento do pensamento*, foi em 1952, editado com título *Symbole der wandlung: Analyse des Vorspiels zu einer Schizophrenie – Símbolos da transformação: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia*.⁹⁰

Jung parte da análise dos poemas oníricos de um autor que se apresenta com o pseudônimo de srta. Frank Miller. Para realizar tal análise, utiliza-se de um artigo, de Théodore Flournoy,⁹¹ publicado em 1906 – “Quelques faits d’imagination créatrice subconsciente” –, referente ao livro da srta. Miller, intitulado *Fenômenos de sugestão passageira ou auto-sugestão momentânea*. Segundo Flournoy, essa “autora” americana sofria de distúrbios esquizofrênicos.

Esse livro, segundo Jung, “tornou-se um marco, colocado no lugar onde dois caminhos se separaram”.⁹²

⁸⁹ FREUD. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), p.217.

⁹⁰ Adotamos o título da edição de 1952, para referirmo-nos ao trabalho de Jung. JUNG. *Símbolos da transformação* (1912).

⁹¹ Théodore Flournoy (1854-1920) nasceu em Genebra, formou-se em medicina e em filosofia; obteve, em 1891, a primeira cátedra de psicologia experimental. Interessou-se inicialmente pelo espiritismo e ocultismo, porém mais tarde acolheu com entusiasmo a teoria freudiana do sonho.

⁹² JUNG. *Símbolos da transformação* (1912), p.xiv.

Na primeira parte de seu trabalho, Jung parte da idéia de que, se o estudo da atividade do inconsciente no homem moderno pode expandir a compreensão da psicologia dos problemas históricos e do simbolismo, conseqüentemente, o procedimento inverso também pode ser realizado, ou seja, um estudo comparativo do material histórico esclareceria os problemas psicológicos individuais de hoje em dia. É nessa perspectiva, de conseguir uma nova compreensão dos fundamentos da psicologia, que ele propõe o estudo do material histórico.

As fantasias da srta. Miller ilustram sua suscetibilidade às influências sugestivas, que Jung atribui ao fato de que a libido exagerou determinadas impressões ao apoderar-se delas. Segundo Jung, “ela parece ter uma invulgar capacidade de empatia e identificação, o que seria impossível se não houvesse uma energia livre disponível em conseqüência de uma relação insuficiente com a realidade”.⁹³

Jung é levado a investigar o lugar de Deus e da religião na adaptação psíquica do homem. Sob o ponto de vista psicológico, afirma que a figura de Deus é um complexo de idéias de natureza arquetípica,⁹⁴ devendo ser considerada como representante de um somatório de energia (libido), que aparece de forma projetada. “O hino ao criador”, um hino religioso composto pela srta. Miller depois de despertar, vem ocupar o lugar do problema erótico; seu material é obtido, em sua maior parte, de reminiscências reanimadas pela libido introvertida.

O quinto e último capítulo da primeira parte de seu livro, “O canto da mariposa”, assim como “O hino ao criador”, também é um poema onírico. Aqui, Jung vai investigar o simbolismo do sol, à medida que a srta. Miller interpreta o anseio da mariposa pelo sol como representando o anseio do homem por Deus. O poema é encarado como servindo à finalidade psicológica de transformar seu desejo por um homem, seu objetivo

⁹³ JUNG. *Símbolos da transformação* (1912), p.29-32.

⁹⁴ Ver glossário anexo: arquetipo, p.99.

amoroso, num desejo por Deus. A energia psíquica (a libido) cria a imagem de Deus, usando padrões arquetípicos, a fim de que a própria força psíquica seja adorada como divina; isso capacita o homem para sentir a divindade dentro de si, dando-lhe um sentimento aumentado de importância e de poder. Jung traça um paralelo histórico entre os símbolos “mariposa” e “sol”, em que o sol é o herói por que se abrasa a alma mariposa da srta. Miller.

Como Freud não dizia nada a respeito, a esposa de Jung, Emma, toma a iniciativa de perguntar, diretamente, quais eram as suas impressões sobre *Símbolos da transformação*. Ela acreditava que Freud não concordava inteiramente com o livro, pois seu silêncio era “resignado”. Duas semanas depois, Freud responde, exprimindo algumas opiniões sobre o trabalho de Jung, elogiando-o, mas sem deixar de criticá-lo: diz que esta foi uma das melhores obras que já leu, sendo a melhor coisa que Jung escrevera até então, “embora pudesse vir a fazê-lo ainda melhor”; observou também que o Cristianismo limitou o seu horizonte, que fez referências extensas, dando a impressão de estar “mais por cima do material do que por dentro dele”, o que tornava a leitura tediosa.⁹⁵

A leitura do texto de Jung é entediante porque, além de ser um texto em que prevalece a dimensão imaginária da libido – apresentada por figuras simbólicas que se transformam indefinidamente – é um texto demasiadamente descritivo, metonímico e analógico. Jung agradece os comentários e informa-o de que, na segunda parte do trabalho, aprofundou-se num ponto fundamental da teoria da libido, a saber, o problema que Freud levanta na análise de Schreber, em que articula a perda da libido à perda da realidade. Jung acredita que esse é um dos pontos em que seus caminhos cruzam-se com os de Freud. Em seu ponto de vista, ao conceito de libido deveria ser

⁹⁵ Carta 280F, 12 de novembro de 1911, p.465.

acrescentado o fator genético para torná-lo aplicável a *dementia praecox*.⁹⁶ Freud, imediatamente, responde a essa “intenção” de Jung com o seguinte comentário:

Eu teria muito interesse em saber o que o senhor quer dizer com uma extensão do conceito de libido, para torná-lo aplicável a *Demência praecox*. Receio que haja um mal entendido entre nós, o mesmo gênero de coisa que o senhor declarou certa vez num artigo, isto é, que no meu modo de pensar, a libido é idêntica a qualquer espécie de desejo, quando, na realidade, simplesmente afirmo que existem dois impulsos básicos e que somente a força que está por trás do impulso sexual pode ser denominada libido.⁹⁷

O caráter “extensivo” da libido em Jung é levado a tal ponto que ela é deslocada, como vimos, para formas espirituais.

Inicia-se, efetivamente, o debate sobre a problemática da libido nas psicoses. A partir daqui, veremos, cada vez mais intensamente, os dois homens debruçarem-se sobre o tema, e Freud, mais especificamente, edificará o corpo teórico sobre a libido, estabelecendo, assim, o lugar da psicose na teoria psicanalítica.

Em função desse caráter extensivo da libido, encontramos Jung embaraçado com os conceitos psicanalíticos. Para ele a perda da função da realidade na demência precoce não pode ser reduzida ao recalque da libido (definida como desejo sexual). Devido a isso, ele diz a Freud que juntou todas as idéias sobre o conceito de libido que lhe ocorreram ao longo dos anos e dedicou um capítulo a esse tema na segunda parte do seu trabalho. Ele propõe um conceito *genético* da libido, uma vez que tal conceito abrange não apenas a libido sexual recente, mas todas aquelas formas de libido que há muito se dividiram em atividades organizadas. “Um pouquinho de biologia era inevitável aqui”.⁹⁸

⁹⁶ Carta 282J, 14 de novembro de 1911, p.468.

⁹⁷ Carta 286F, 30 de novembro de 1911, p.476.

⁹⁸ Carta 287J, 11 de dezembro de 1911, p.478.

Fica cada vez mais clara a dificuldade de Jung de apropriar-se da concepção freudiana da libido. Ele não entende o caráter paradoxal da satisfação libidinal.⁹⁹ A leitura da primeira parte do livro já é suficiente para afirmarmos que a teoria de Carl Gustav Jung apresenta todas as características do pensamento pré-científico, podemos dizer, analógico, alquímico. Ele não lança mão do sujeito da ciência, que é uma condição para a existência da psicanálise. Ao contrário, sua teoria supõe uma união entre sujeito e objeto, supõe a existência de uma co-naturalidade entre esses dois termos, uma harmonia pré-estabelecida entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido, enfim, um pensamento fundamentalmente estruturado pela similitude.

Jacques-Alain Miller adverte-nos que “todo conhecimento é fundamentalmente ilusório e mítico, à medida que não faz outra coisa senão comentar a “proporção sexual”. “Toda teoria do conhecimento tem conotações sexuais”.¹⁰⁰ Miller acrescenta ainda que as “formas primitivas” do conhecimento são todas eróticas, chegando até se confundirem com as técnicas sexuais. Esse tipo de pensamento opera a partir da dimensão imaginária, em que cada coisa parece ter algo a dizer para o sujeito e tudo se encontra ligado nos elos da semelhança que se estendem em uma infundável cadeia.

Michel Foucault aborda essa configuração especular da realidade, considerando o modo como o conhecimento organizou-se até o final do século XVI – período anterior ao nascimento da ciência moderna¹⁰¹ – levando em conta a estrutura narrativa do que ele chama de “a prosa do mundo”, ou seja, um mundo que se oferecia sob a forma de uma repetição, enrolava-se sobre si mesmo: a terra repetia o céu, as sete aberturas no rosto humano repetiam os sete planetas no céu, a pintura imitava o espaço, teatro da vida ou espelho do mundo.¹⁰² Nesse sentido, afirmamos que a teoria junguiana é um

⁹⁹ Ver p.68 e 69 desta dissertação, sobre o caráter paradoxal da satisfação.

¹⁰⁰ MILLER. Elementos de epistemologia, p.41.

¹⁰¹ FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p.23.

¹⁰² TEIXEIRA. *Conhecimento paranóico e saber científico*, p.186.

pansexualismo, pois ela apresenta-se como um pensamento absolutamente imaginário, no qual há uma profusão de sentido, um excesso de significação.

Essa “tendência” de Jung a encaminhar suas investigações num sentido retroativo ao discurso da ciência, o chamado discurso pré-científico como acabamos de ver, é, nas palavras de Freud, “esconder-se por trás da nuvem religiosa-libidinal”. Essa tendência não passava despercebida por ele, mas apesar disso, ainda resistia em criticá-lo de maneira mais incisiva. Ao contrário, estimulava-o a atacar a questão da libido, a fim de obter dos seus esforços muito mais esclarecimento. Podemos supor que essa atitude de Freud devia-se ao fato de que a situação de incompatibilidade ainda não estava devidamente configurada e que ele ainda tinha esperanças de que o suíço pudesse consagrar a psicanálise em outros meios, para além do mundo judeu, para além da neurose.

O PROBLEMA DO INCESTO: DA NATUREZA À CULTURA

A castração é apresentada nos “Três ensaios...” pela expressão “barreira do incesto”. O respeito a essa barreira é, acima de tudo, uma exigência cultural da sociedade. Seria mais fácil para a criança escolher como objetos sexuais as mesmas pessoas a quem ama, desde a infância, mas com o adiamento da maturação sexual, ganhou-se tempo para erigir, junto a outros entraves à sexualidade, a barreira do incesto. A importância dessa interdição leva Freud a construir sua teoria sobre o complexo de Édipo, do qual retira conseqüências fundamentais para sua clínica.

Em “A divisão do eu”,¹⁰³ Freud propõe pensarmos a partir do fato de que o eu de uma criança encontra-se sob a influência de uma poderosa exigência pulsional e está acostumado a satisfazê-la, quando de repente vive uma experiência que lhe ensina que,

¹⁰³ FREUD. A divisão do eu nos processos de defesa (1940 [1938]), v.XXIII.

se continuar a satisfazer a pulsão sexual, correrá um perigo real e quase intolerável. O eu deve então reconhecer o perigo real, ceder-lhe passagem e renunciar à satisfação pulsional, ou rejeitar a realidade e convencer-se de que não há razão para medo, podendo, assim, conservar a satisfação. Vemos então que existe um conflito entre a exigência por parte da pulsão e a proibição por parte da realidade. Segundo Freud, esse abandono dos objetivos sexuais, que é a transformação da libido erótica em libido do eu, é denominado “dessexualização”.¹⁰⁴

É, portanto, a proibição do incesto que conduz a criança nessa passagem que podemos chamar – fazendo eco a Lévi-Strauss – de passagem da natureza à cultura.¹⁰⁵ Claude Lévi-Strauss debruçou-se sobre o problema da natureza e da cultura, ou melhor, sobre o problema da passagem entre as duas ordens: onde acaba a natureza? onde começa a cultura? Ele investigou vários autores que se dedicaram à questão, mas não se satisfez com os resultados obtidos por eles. Estabeleceu, então, que tudo o que é universal no homem depende da ordem da natureza e caracteriza-se pela espontaneidade e que tudo o que está ligado a uma norma pertence à cultura e apresenta os atributos do relativo e do particular. É, portanto, na proibição do incesto que ele vai procurar a resposta, pois a proibição do incesto apresenta os dois caracteres indissolivelmente reunidos, nos quais é possível reconhecer os atributos contraditórios de duas ordens exclusivas, isto é, “constituem uma regra, mas uma regra que, única entre todas as regras sociais, possui ao mesmo tempo caráter de universalidade”.¹⁰⁶ É um fenômeno que apresenta, simultaneamente, o caráter distintivo dos fatos da natureza e o caráter distintivo dos fatos da cultura.

¹⁰⁴ No capítulo seguinte, na seção “O narcisismo não é a introversão”, definiremos as noções de *libido do eu* e *libido erótica*. Definiremos também a noção de *dessexualização* em Jung, que é um dos pontos fundamentais que a presente pesquisa visa a elucidar.

¹⁰⁵ STRAUSS. Natureza e cultura e O problema do incesto, p.41-63.

¹⁰⁶ STRAUSS. Natureza e cultura, p.47.

Lévi-Strauss pôde concluir¹⁰⁷ que a proibição do incesto está ao mesmo tempo no limiar da cultura, na cultura e, em certo sentido, é a própria cultura. Antes da proibição, a cultura ainda não está dada; com ela, a natureza deixa de existir no homem como reino soberano; constitui o passo fundamental graças ao qual, pelo qual e, sobretudo, no qual se realiza a passagem da natureza para a cultura. A proibição do incesto, portanto, realiza e constitui por si mesma o advento de uma nova ordem. Constatamos que Lévi-Strauss está confirmando a teoria de Freud de que toda civilização tem de se erigir sobre a coerção e a renúncia à pulsão.¹⁰⁸

A criança, antes da vivência do Édipo, encontra-se às voltas com seus objetos incestuosos familiares e, diante da ameaça de castração, ela se vê forçada a voltar-se para o sentimento social, transformando o que era sentimento hostil em uma ligação de tonalidade positiva, da natureza de uma identificação. Suas pulsões sexuais antes direcionadas ao objeto incestuoso são agora desviadas para outros fins. O complexo de castração ocasiona a divisão do eu, e o preço a ser pago para que se mantenha o compromisso em que o sujeito não perde nem a satisfação pulsional nem a realidade é a fenda no eu, que não se cura, ao contrário, aumenta à medida que o tempo passa.¹⁰⁹

Essa inversão, de acordo com Freud, parece ocorrer sob a influência de um vínculo afetivo. Ele acrescenta ainda que o amor impõe um freio ao narcisismo, conduzindo a criança à cultura. O amor torna-se, então, um fator de civilização.¹¹⁰

Antes ainda da publicação de “Totem e tabu”,¹¹¹ Freud vinha debatendo com Jung, que também estava às voltas com a mesma problemática, algumas de suas idéias sobre o incesto. Mas nas primeiras cartas em que iniciam o debate, já podemos

¹⁰⁷ STRAUSS. O problema do incesto, p.50-63.

¹⁰⁸ FREUD. O futuro de uma ilusão (1927), v.XXI.

¹⁰⁹ FREUD. A divisão do eu nos processos de defesa (1940 [1938]), v.XXIII, p.309.

¹¹⁰ FREUD. Psicologia de grupo e análise do eu (1923), v.XIX.

¹¹¹ A problemática discutida em “Totem e tabu” será tratada no capítulo 3 desta dissertação.

vislumbrar as discordâncias: Jung enfatiza o papel da mãe na mitologia, ao passo que, para Freud, veremos a importância que ele atribui à função do pai.

Jung desvaloriza, radicalmente, a problemática do incesto, considerando irrelevante a existência da barreira do incesto. Ele compara o incesto ao trauma sexual, à medida que não importa se um trauma sexual realmente ocorreu ou não, ou se foi uma simples fantasia. O ponto de vista de Jung é que “o incesto é proibido não porque é desejado, mas porque a ansiedade flutuante reativa, regressivamente, o material infantil e o transforma numa cerimônia de reparação (como se o incesto tivesse sido, ou pudesse ter sido, desejado)”.¹¹²

Freud confessa, numa carta seguinte, ter uma forte antipatia por essa inovação de Jung, por dois motivos: primeiro, por seu caráter regressivo, uma vez que Jung afirma que a proibição do incesto origina-se na ansiedade e não, como haviam até então sustentado, que a ansiedade origina-se na proibição do incesto. Freud é categórico ao afirmar que a proposta de Jung é muito semelhante ao que foi dito antes da era da psicanálise. Já o segundo motivo deve-se à “desastrosa” semelhança das idéias de Jung sobre a libido incestuosa com um teorema de Adler. Para este, a libido do incesto é “arranjada”, isto é, o neurótico não tem, absolutamente, desejo por sua mãe, mas quer munir-se de um motivo para afugentar a si próprio da libido; finge para si mesmo que sua libido é tão monstruosa que não poupa nem mesmo sua mãe. Freud diz-se surpreendido com essa concepção por estar baseada numa “total incompreensão do inconsciente”.¹¹³

Jung continua insistindo no movimento regressivo da libido, acreditando que, se não fosse assim, as pessoas sem pais não teriam oportunidade de desenvolver um complexo incestuoso. É realmente surpreendente a fixação de Jung na dimensão

¹¹² Carta 315J, 17 de maio de 1912, p.509.

¹¹³ Carta 316F, 23 de maio de 1912, p.511.

imaginária do problema. Ao recusar a proibição do incesto, ele recusa a função simbólica do pai. Isso explica seu apego ao movimento regressivo da libido, que é essencialmente metonímico e analógico. À medida que, para ele, o pai não possui a função de interditar a mãe e recalca-la, o sujeito permanece absolutamente submetido ao incessante jogo da (sua) libido, que não conhece limite. Não existe, na teoria junguiana, um ponto de basta que interrompa as infinitas metamorfoses da libido. É nesse sentido que a libido junguiana se estende a ponto de se deslocar para formas espirituais, transcendentais e renasce novamente, transmitindo sua energia através das gerações. Tal energia manifesta-se arquetipicamente no conhecido conceito junguiano de *inconsciente coletivo*.

Freud realiza um estudo comparado entre a psicologia dos povos primitivos e a psicologia dos neuróticos, verificando que os primitivos “estabelecem para si próprios, com o maior escrúpulo e o mais severo rigor, o propósito de evitar relações incestuosas”.¹¹⁴ Ele cita as pesquisas de vários etnólogos que se debruçaram sobre o problema do horror ao incesto entre os selvagens de várias tribos. No entanto, acredita que a única contribuição ao método psicanalítico que esse estudo pôde realizar é o fato de se tratar, fundamentalmente, de uma característica infantil e revelar uma “notável concordância com a vida mental dos pacientes neuróticos”.¹¹⁵ Ele observa, ainda, que a primeira escolha de objetos feita por um menino é sempre incestuosa e são, justamente, as fixações incestuosas da libido que continuam desempenhando o papel principal na vida mental inconsciente. Freud estabelece um paralelo entre o tabu e a neurose obsessiva: o ato obsessivo, além de ser uma proteção contra o ato proibido, é, na realidade, uma repetição desse ato. A proibição, aqui, relaciona-se invariavelmente com o contato de tipo sexual.

¹¹⁴ FREUD. Totem e tabu (1913), v.XII, p.21.

¹¹⁵ FREUD. Totem e tabu (1913), v.XII, p.36.

Freud analisa também a atitude emocional dos primitivos com os governantes, que inclui um elemento inconsciente de hostilidade bastante poderoso. A analogia que ele estabelece entre os selvagens e os neuróticos é a de que a relação desses para com seus governantes provém da atitude infantil de uma criança para com o pai. A observação que Freud faz a propósito dos paranóicos é pertinente e radicalmente oposta à linha de pensamento adotada por Jung. Ele diz que os selvagens atribuem a seus reis poder sobre a chuva e o sol, o vento e o clima e depois os depõem ou os matam. Agem assim quando a natureza desaponta suas esperanças de uma caçada bem sucedida ou de uma rica colheita, sendo esse o modelo sobre o qual os paranóicos baseiam seus delírios de perseguição, ou seja, o modelo da relação de uma criança com o seu pai. Quando um paranóico transforma alguém, anteriormente amado, num perseguidor, está elevando-o à categoria de pai; está colocando-o numa posição em que possa culpá-lo por todos os seus infortúnios.¹¹⁶

Podemos pensar que o que Freud não faz aqui é comparar, ponto a ponto, as identidades entre os primitivos e os psicóticos, mas capta uma característica comum e fundamental entre pensamento selvagem e o pensamento infantil, a saber, a tendência a fazer analogias, a auto-referência e o predomínio da dimensão imaginária, especular. Enfim, Freud “não toma toda a fachada para interpretá-la, como uma alegoria”.¹¹⁷ O método usado por Jung, que ele aplica de maneira constante e sistemática, é tomar qualquer imagem, literária ou plástica, por um símbolo, e todo símbolo, para ele, é metamorfose da libido. O texto de Jung é, portanto, “uma fachada, atrás da qual cada janela se abre para uma multidão de peças e de apartamentos, desembocando em labirintos infinitos”.¹¹⁸ O símbolo, para Jung, é a imagem de um conteúdo que, em grande parte, transcende a consciência. O conteúdo, que é o significado dos símbolos, é

¹¹⁶ FREUD. Totem e tabu (1913), v.XII, p.71.

¹¹⁷ Carta 201F, 5 de julho de 1910, p.353.

¹¹⁸ REGNAULT. *Freud anti-alegorista [contra Jung]*, p.112.

expresso em termos únicos e individuais e ao mesmo tempo participam de imagens universais. Os símbolos expressam-se por analogias e o processo simbólico é uma experiência de imagens e por imagens.

O que há por trás da fachada freudiana é um convite à viagem mitológica, a uma visita de museu e, por trás da fachada junguiana, o que existe é uma construção falaciosa apresentando somente deslocamentos e condensações. Preocupado com o caminho que Jung tomava, Freud adverte-o a não se precipitar e enunciar de modo tão resumido “interpretações que vão a uma tal profundidade”.¹¹⁹

Esse pequeno comentário torna-se importante à medida que surge a dúvida se Freud também não procedia por alegoria quando, por exemplo, em seu caso “O homem dos lobos”, ele encontra, por trás do sonho com os lobos, o conto de “Chapeuzinho vermelho” e depois o dos “Sete cabritinhos”. Mas o que podemos extrair dessa análise é que, diferentemente de Jung, cada elemento do sonho não está referido a um conteúdo mitológico. Trata-se apenas do que o sujeito pode saber, ainda que ele tenha esquecido: Freud nunca imputa o menor elemento arcaico a um sujeito em análise com ele; antes de tudo, ele busca sempre uma outra interpretação que não a arcaizante.¹²⁰

Freud continua sua investigação sobre a necessidade do homem de controlar o mundo ao seu redor e apresenta-nos três sistemas de pensamento que, possivelmente, orientaram o homem durante sua evolução: são os pensamentos animista, religioso e científico. Na fase animista, os homens atribuem a onipotência a si mesmos; na fase religiosa, transferem-na para os deuses, mas não desistem totalmente da fase anterior, pois eles reservam o poder de influenciar os deuses através de várias maneiras, de acordo com seus desejos; a visão científica do universo já não dá lugar à onipotência humana, os homens reconheceram seu lugar

¹¹⁹ Carta 201F, 5 de julho de 1910, p.353.

¹²⁰ REGNAULT. *Freud anti-alegorista [contra Jung]*, p.115.

no universo e submeteram-se, resignadamente, à morte e às outras necessidades da natureza.¹²¹

Desde o começo da infância, observam-se manifestações das pulsões sexuais, mas, inicialmente, elas ainda não são dirigidas para qualquer objeto externo. Os componentes pulsionais separados da sexualidade atuam independentemente uns dos outros, com o propósito de obter prazer e encontrar satisfação no próprio corpo do sujeito. Essa fase é chamada por Freud como a do *auto-erotismo*, sendo sucedida por outra, na qual há uma escolha de objeto.

Freud, no entanto, mostra-se insatisfeito com essa teoria e introduz, então, entre o auto-erotismo e a escolha de objeto, uma terceira fase. Na verdade, ele divide a fase do auto-erotismo em duas, propondo que, nessa fase intermediária, as pulsões sexuais até então isoladas já se reuniram num todo único e encontraram também um objeto; entretanto esse objeto não é externo ao sujeito, trata-se de seu próprio eu. Nessa fase, as pulsões sexuais que até esse momento encontravam-se dissociadas reúnem-se numa unidade isolada e investem o eu como objeto. Freud dá o nome a essa fase de *narcisismo*.¹²²

Estamos diante das primeiras elaborações de Freud sobre a problemática que motiva nossa pesquisa. É possível perceber, claramente, que ele está buscando alternativas para responder às deturpações que Jung provocava, nesse período, à teoria psicanalítica. Entretanto, essa resposta se configurará um ano depois, em 1914, quando eles rompem definitivamente.

Freud acredita que essa organização narcisista nunca é totalmente abandonada: mesmo depois de ter encontrado objetos para sua libido, o ser humano permanece, até certo ponto, narcisista. Segundo ele, os investimentos de objetos que o sujeito efetua são emanções da libido que ainda permanece no eu, podendo ser novamente arrastada para ele.

¹²¹ FREUD. Totem e tabu (1913), v.XII, p.111.

¹²² FREUD. Totem e tabu (1913), v.XII, p.112.

Mais adiante, Freud afirma que, no homem primitivo, o processo de pensar é, em grande parte, sexualizado e é esta a origem de sua fé na onipotência dos pensamentos, de sua inabalável confiança na possibilidade de controlar o mundo e de sua inacessibilidade às experiências que poderiam ensinar-lhe a verdadeira posição do homem no universo.¹²³ Esse é o ponto de contato que gostaríamos de discutir em relação à psicose.

Sustentamos a hipótese do caráter errôneo de Jung ao propor que, nas psicoses, haveria uma dessexualização da libido. Assim como os povos primitivos, por não renunciarem às pulsões, permanecem sexualizados, propomos a hipótese, seguindo o pensamento de Freud, de que a psicose, por instalar-se anteriormente ao advento da experiência que interdita o incesto, não faz a passagem necessária da renúncia ao princípio do prazer, ajustando-se à realidade e, conseqüentemente, voltando-se para o mundo exterior em busca do objeto de seus desejos. É nesse sentido que Freud considera a existência da onipotência de pensamentos entre os povos primitivos como uma prova em favor do narcisismo.¹²⁴ Freud exemplifica sua idéia de que a fase animista corresponderia à narcisista, utilizando-se das confabulações de Schreber sobre os “raios de Deus”. Schreber descobriu nos “raios de Deus” um reflexo das ligações e dos desligamentos de sua libido.¹²⁵

AS METAMORFOSES DA LIBIDO E A PROPOSTA DA DESSEXUALIZAÇÃO DA LIBIDO

A publicação da segunda parte dos estudos de Jung sobre a libido é verdadeiramente catastrófica, tanto para o relacionamento pessoal com Freud quanto para a continuidade de seu trabalho junto à psicanálise.

¹²³ FREUD. Totem e tabu (1913), v.XII, p.112.

¹²⁴ FREUD. Totem e tabu (1913), v.XII, p.113.

¹²⁵ FREUD. Notas psicanalíticas sobre o relato... (1911), v.XII, p.104.

Logo na introdução do seu ensaio, Jung retoma as referências clássicas do simbolismo, presentes no poema onírico “A canção da mariposa”, e as relaciona com o conceito psicológico de libido. Todos os símbolos citados por Jung são vistos como representantes do poder da libido e o falo, em especial, como representante da divindade criativa. Ele se utiliza desses exemplos para mostrar que o termo “libido”, introduzido por Freud, não é exclusivamente sexual. Ele ainda lança mão de variadas definições etimológicas da libido para justificar o uso mais amplo do termo. Para ele, o conceito de libido na psicologia teria o mesmo significado que o conceito de energia no campo da física.

É no segundo capítulo, intitulado “Sobre o conceito de libido”, que Jung expressa, com todas as letras, suas idéias, em total oposição a Freud. Ele propõe o conceito “energético”, que lhe parece mais adequado e lhe possibilita identificar a expressão “energia psíquica” com o termo “libido”, ao invés da teoria sexual proposta nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Jung acredita ser mais prudente que, ao se falar de libido, o termo possa ser tomado como um valor energético e relacionado a qualquer área, a saber, ao poder, à fome, ao ódio, à sexualidade, à religião etc, sem ser, necessariamente, um instinto específico.

Jung utiliza-se do termo empregado por Pierre Janet – *fonction du réel* –¹²⁶ para afirmar que na esquizofrenia falta uma quantidade tão grande de “função do real” que necessariamente devem estar incluídos na perda da realidade outros instintos aos quais não se pode atribuir caráter sexual.

Ele acredita que é uma energia indiferenciada que leva à formação de símbolos e não o instinto sexual, ou seja, com a perda da função do real¹²⁷ na esquizofrenia, não ocorre um aumento da sexualidade, mas uma proliferação de fantasias que apresentam

¹²⁶ Pierre Janet (1859-1947) nasceu em Paris e era um representante da psiquiatria dinâmica. Sua noção de “função do real” também poderia ser chamada de “adaptação psicológica ao meio ambiente”.

¹²⁷ Jung parece utilizar-se dessa expressão no mesmo sentido de Janet.

traços arcaicos. O fato de que na esquizofrenia uma fantasia arcaica ocupe o lugar da realidade nada prova sobre a natureza da função do real. Essa fantasia arcaica apenas revela o conhecido fato biológico de que, na perda de um sistema recente, um sistema mais primitivo, mais antigo, pode vir a substituí-lo. Como na esquizofrenia a realidade se perde em grande parte, há uma substituição desse real por equivalentes arcaicos. Jung sustenta a existência de formação de analogias, ampliando, assim, a visão de mundo não só dos esquizofrênicos, mas também do homem, de uma maneira geral. Ele termina o capítulo sugerindo que a transmissão da libido por analogias levou a humanidade primitiva a uma série de importantes descobrimentos.

No capítulo seguinte, chamado “Transformação da libido”, Jung associa a referida transformação com o fazer fogo e com o movimento rítmico nos estágios primários do desenvolvimento humano. Ele cita vários exemplos, de diferentes períodos da história e de diferentes povos, para apoiar a existência de uma semelhança entre os rituais de fazer fogo e a sexualidade. A atividade rítmica, segundo ele, seria uma maneira de gravar e organizar certas idéias ou exercícios e aquilo que deve ser gravado, isto é, firmemente organizado, é a transferência da libido para uma nova forma de atuação, ou seja, como depois da fase nutritiva do desenvolvimento, a atividade rítmica não tem mais função no ato de alimentação, ela passa não só para a área da sexualidade, mas também para o campo dos “mecanismos de atração”, a música e a dança e, finalmente, para a área do trabalho propriamente dito.¹²⁸ Portanto, não há razão para se admitir que a função ligada à formação de ritmo seja derivada da sexualidade. Jung se vale de cerimônias de povos primitivos para exemplificar sua teoria:

[...] provavelmente o buraco na terra é uma analogia ao genital da mãe [...] como o incesto precisa ser evitado, o buraco na terra como que substitui a mãe. Pela prática da cerimônia, a energia de caráter incestuoso é retirada da

¹²⁸ JUNG. *Símbolos da transformação* (1912), p.141.

sexualidade e reconduzida a uma fase infantil, alcançando aí, quando a operação é bem sucedida, uma outra forma e isso equivale a uma outra função [...]. A consequência dessa regressão é que os fenômenos decorrentes da transferência dessa passagem de uma forma para outra têm, em si, o caráter de ato sexual, mas não são atos sexuais reais. Da mesma forma, a produção de fogo é apenas a analogia de um ato sexual [...]. A libido que regride devido a uma restrição do instinto, ao alcançar a fase pré-sexual, reanima o ato infantil de furar (...).¹²⁹

O capítulo prossegue nessa mesma vertente, analógica e alegórica, própria ao pensamento junguiano. Ele faz inúmeras referências às cerimônias e ritos primitivos para exemplificar a conversão da libido enfocada na zona nutritiva, desviando-a completamente da vertente sexual. Para ele, as cerimônias têm a importância de uma instituição, possuem um sentido determinado, pois representam um procedimento bem circunscrito para a transmissão da libido.

No quarto capítulo, “O nascimento do herói”, Jung descreve a figura humana do demônio ou do herói como sendo o mais nobre de todos os símbolos da libido. Ele ainda se refere à passagem simbólica do sol ao homem, traçando um paralelo entre o movimento diário do sol e o ciclo da vida humana, e introduz o inconsciente em sua vertente que vai além do individual, que ele chama de “inconsciente coletivo”.¹³⁰ Assim, Jung afirma que o homem só tem sentido como ser coletivo, mas o aspecto cultural lhe confere um significado que o separa da massa, levando à formação da personalidade e, conseqüentemente, desenvolvendo o culto ao herói.

Uma vez que, para ele, a regressão vai além da fase infantil e penetra na fase pré-consciente, “pré-natal”, o que surge são imagens arquetípicas que não se associam mais a recordações individuais, mas pertencem ao patrimônio de possibilidades

¹²⁹ JUNG. *Símbolos da transformação* (1912), p.145-6.

¹³⁰ Jung não considerava dois inconscientes, um pessoal e um coletivo. Para ele, o inconsciente pessoal funda-se no coletivo. Os conteúdos desse último jamais estiveram na consciência e suas manifestações aparecem na cultura como motivos universais. Ver glossário anexo, p.99.

imaginativas hereditárias que renascem com cada ser humano. Nesse capítulo, fica evidente a predisposição de Jung para traçar um “dicionário de símbolos”, já que ele atribui um significado categórico a cada uma das fantasias que aparecem em sua clínica. Há um excesso de sentido.

O quinto capítulo, “Símbolos da mãe e do renascimento”, aborda os símbolos maternos presentes em várias culturas, em épocas diferentes. Através da exploração dos símbolos da mãe e do renascimento, Jung interpreta a visão da srta. Miller de uma comunicação com um deus/herói, demonstrando a importância cultural da canalização da libido através do uso de símbolos. Dentre outros significados, utiliza-se dos símbolos da “água” e da “árvore da vida”, para representar a mãe. Ele salienta que o que o mito solar mostra como a base do desejo incestuoso não é a coabitação, mas a idéia de voltar a ser criança, retornar ao abrigo dos pais e penetrar na mãe para novamente dela nascer. Mas daí surge o incesto como obstáculo: a necessidade de tornar a penetrar no ventre materno de alguma maneira.

Uma das maneiras mais simples de solucionar a questão seria fecundar a mãe e, assim, tornar a gerar a si próprio. Entra em cena, aqui, o obstáculo da proibição do incesto. É por isso que os mitos solares ou de renascimento criam as mais variadas analogias com a mãe, ou seja, é para fazer a libido fluir para novas formas e impedi-la de regredir para um incesto mais ou menos real. Enfim, o que se procura não é a coabitação incestuosa, mas o renascimento. O resultado do tabu do incesto e das tentativas de transferência é o exercício da fantasia, que pouco a pouco, pela criação de possibilidades, abre caminhos através dos quais a libido pode realizar-se. Dessa maneira, a libido é, imperceptivelmente, deslocada para formas espirituais.

No sexto capítulo, “A luta pela libertação da mãe”, Jung examina a visão da srta. Miller de seu herói montado num cavalo, ameaçado pela lança de um índio. Ele, então,

explora os significados simbólicos da fantasia e mostra que a visão da srta. Miller é uma expressão de sua necessidade de livrar-se da dependência infantil da mãe. A análise se estende com a revisão do simbolismo do cavalo e da lança tal como aparecem na mitologia, no drama e na poesia. O ferimento do herói é visto como uma perfuração simbólica do eu, para quem a libido se volta a fim de se reabastecer, como se retornasse para a mãe. Na visão da srta. Miller, a lança não abate o herói, indicando que ela (srta. Miller) ainda não está pronta para abandonar a conexão com sua mãe.

O sétimo capítulo, “A dupla mãe”, apresenta as circunstâncias do nascimento do herói, que deve ter nascido de uma “esposa-mãe”. O jovem herói é o filho-amante da mãe-deusa. Nesse sentido, Jung afirma que a libido que não flui para a vida apropriada à sua época regride para o mundo mítico dos arquétipos, animando as imagens que desde os tempos mais remotos exprimem a vida não-humana dos deuses superiores e inferiores.¹³¹ Para ele, a força que anima essas imagens provém dos instintos, cujo dinamismo, nos sonhos, é representado por símbolos teriomorfos: os leões, os touros, cães e cobras que povoam os sonhos representam uma libido indiferenciada, ainda não domesticada. Para Jung, a libido nunca aparece diretamente, mas apenas sob a forma de uma “força”, de um determinado estado energético. É por isso que a libido sempre anseia pelo regresso ao estado primitivo, inconsciente, de selvageria indomada.¹³² Assim, ele recomenda que a terapia apóie a regressão até que se alcance o estado “pré-natal”, levando-se em conta que a mãe é, na realidade, uma *imago*, uma simples figura psíquica, ela é a encarnação do arquétipo e personifica todo o inconsciente.

No oitavo capítulo, “O sacrifício”, a visão da srta. Miller sobre o sacrifício do herói de suas elucubrações, Chiwantopel, é interpretada como a pressão do inconsciente para renunciar ao anseio da regressão às profundezas maternas. Mais do que um estudo

¹³¹ JUNG. *Símbolos da transformação* (1912), p.299.

¹³² JUNG. *Símbolos da transformação* (1912), p.319.

da psicologia individual, o problema da srta. Miller é encarado por Jung, como um reflexo do problema da humanidade em geral. Os símbolos empregados na sua visão são figuras mitológicas nascidas do inconsciente (coletivo).

Ainda nesse capítulo, Jung discute o tema do incesto e se opõe, radicalmente, à teoria freudiana: “o mundo se origina quando o homem o descobre; e ele o descobre quando sacrifica sua condição de envolto pela mãe original, pelo estado inicial inconsciente”.¹³³ Segundo ele, o que impele o homem para esta descoberta é o que Freud considera como a “barreira do incesto”. Jung não acredita que tenha sido o tabu do incesto que tirou o homem do estado psíquico primitivo de indiscriminação, mas sim o instinto de desenvolvimento próprio ao homem, que o distingue tão fundamentalmente dos outros animais e que lhe impôs inúmeros tabus, entre os quais o tabu do incesto.

Jung sugere ainda que o chamado complexo de Édipo, com sua tendência ao incesto transforma-se no complexo Jonas-baleia, que tem muitas variantes, como a bruxa que come crianças, o lobo, o Ogro, o dragão etc. O medo do incesto transforma-se no temor de ser devorado pela mãe. A libido em regressão dessexualiza-se, aparentemente, porque recua pouco a pouco até fases pré-sexuais da primeira infância. Mas também não se detém aí e retrocede até o estado intra-uterino, pré-natal,¹³⁴ e sai da esfera da psicologia pessoal para penetrar na da psique coletiva. “A libido atinge uma espécie de estado primitivo, mas pode, também, tornar a libertar-se do abraço materno e trazer à superfície uma nova possibilidade de vida”.¹³⁵

No “Epílogo”, último capítulo do livro, Jung anuncia que, se tivesse conduzido o tratamento da srta. Miller, ter-lhe-ia revelado muito do que propõe em seu livro, visando, assim, a formar o seu consciente de tal modo que ela pudesse compreender os

¹³³ JUNG. *Símbolos da transformação* (1912), p.401.

¹³⁴ Jung adverte o leitor de que essa regressão ao estado intra-uterino não deve ser tomada ao pé da letra.

¹³⁵ JUNG. *Símbolos da transformação* (1912), p.404.

conteúdos do inconsciente coletivo. Ele acredita que, em casos como o da srta. Miller, uma psicologia de orientação exclusivamente pessoal não é suficiente para um tratamento bem sucedido.

Após a leitura dessa exaustiva análise que Jung realiza sobre o drama elucubrado pela srta. Miller, fazemos nossas as palavras de Regnault, que, chocado com a profusão de imagens, interpretações, bem como tudo o que Jung extrai da pobre srta. Miller, imagina o que ele teria extraído de Schreber (ou imputado a ele): provavelmente, a mesma coisa.¹³⁶

Jung, ao recusar o princípio de constância proposto por Freud –¹³⁷ que é o esforço realizado pelo aparelho psíquico para manter, tão baixa quanto possível ou pelo menos constante, a quantidade de excitação nele presente –, não leva em conta o caráter paradoxal da satisfação libidinal, que é a tendência do ser humano de buscar a satisfação (ou o prazer) a todo custo, mesmo que essa busca resulte em insatisfação (ou em desprazer). Jung recusa, em última instância, a existência de uma constante libidinal. Além disso, a libido, para ele, sofre metamorfoses. Nesse sentido, acreditamos que é exatamente devido à sua visão analógica do símbolo – as sucessivas metamorfoses da libido – que Jung suprime a libido e, conseqüentemente, a dessexualiza.

Uma outra vertente para se pensar a proposta de Jung em dessexualizar a libido pode ser buscada na noção freudiana de *sublimação*. O conceito de sublimação foi introduzido por Freud para indicar que, se não há atividade sexual, tampouco há recalque. A sublimação freudiana coloca o paradoxo de que é possível uma satisfação das pulsões sem atividade sexual e sem recalque. Isso leva Jung a pensar que, se a libido pode satisfazer-se sublimatoriamente, não deve ser sexual. Por isso ele coloca o acento nas *metamorfoses* da libido, em suas transformações. E como essa libido é capaz de

¹³⁶ REGNAULT. *Freud anti-alegorista[contra Jung]*, p.103.

¹³⁷ Desde sua conferência sobre a “Comunicação preliminar” de 1893, Freud refere-se à tendência do aparelho psíquico em manter uma constância.

transformar-se de uma maneira tal que se satisfaz sem sexualidade, ela é, portanto, um elemento não sexual no homem.¹³⁸

O ROMPIMENTO

Ao voltar de uma série de conferências que realizou nos Estados Unidos, Jung escreve a Freud entusiasmado com as modificações que fez na teoria psicanalítica, particularmente em relação à teoria da libido. Ele acreditava que a sua nova versão da psicanálise havia conquistado a simpatia de muitas pessoas que até então estavam confusas com o problema da sexualidade na neurose.¹³⁹

Freud agradece, cordialmente, as notícias sobre a situação da psicanálise nos Estados Unidos, mas indica que “a batalha não seria decidida lá” e critica a atitude de Jung em reduzir as resistências com suas modificações teóricas, sendo taxativo ao dizer que ele não deveria vangloriar-se disso. Freud não hesita também em adverti-lo que, “quanto mais se afasta do que é novo em psicanálise, mais certeza se tem do aplauso e menos resistência se encontra”.¹⁴⁰

A primeira carta de Freud a Jung, do ano de 1913, contém a proposta de que abandonassem, inteiramente, as suas relações pessoais. Freud diz, nessa carta, que “um homem deve subordinar os seus sentimentos pessoais aos interesses gerais do seu ramo de empreendimentos”.

É de causar certa estranheza que, após acompanharmos, passo a passo, o desenrolar dessa amizade, o rompimento tenha se dado de uma forma, aparentemente tão abrupta. Mas as cartas revelam que Freud, apesar de várias tentativas, não conseguiu convencer Jung do equívoco de sua teoria. É visível também o esforço de Freud, em

¹³⁸ MILLER. *Los signos del goce*, p.321.

¹³⁹ Carta 323J, 11 de novembro de 1912, p.521.

¹⁴⁰ Carta 324F, 14 de novembro de 1912, p.523.

conseguir separar a teoria da amizade, elogiando por diversas vezes o livro de Jung. Portanto, essa radical tomada de posição de Freud distingue a psicanálise, definitivamente, da teoria mística de Jung.

É verdade que eles, ainda assim, continuam se correspondendo, porém nenhuma referência mais, no sentido da vida pessoal de cada um, é citada. Discutem, basicamente, questões institucionais, publicações e os preparativos para o Congresso de Munique, que seria realizado nos dias sete e oito de setembro de 1913.

Jung visitou a Inglaterra no princípio de agosto, com o objetivo de apresentar trabalhos na Sociedade Psico-Médica de Londres e no 17º Congresso Internacional de Medicina. Apresentou, na Sociedade, um ensaio intitulado simplesmente “Psicanálise”, no qual aplicava o nome “psicologia analítica” à “nova ciência psicológica”. No Congresso, o título de seu texto foi “On psycho-analysis”, no qual demonstrou as suas divergências com a teoria freudiana da neurose, propondo que a teoria freudiana fosse libertada do ponto de vista puramente sexual e, em seu lugar, fosse levado em conta o “ponto de vista energético”.¹⁴¹

Os desdobramentos da “Quarta Reunião Particular” – o Congresso de Munique – foram a reeleição de Jung à presidência da IPA, embora dois quintos dos presentes negassem-lhe apoio, e a renúncia deste como editor do *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen* (Anuário de Pesquisas Psicanalíticas e Psicopatológicas). Com a saída de Jung, a editoração passa às mãos de Karl Abraham. O próximo volume aparecerá em meados de 1914 e continuará a ser publicado por mais um ano, mas com outro título: *Jahrbuch der Psychoanalyse* (Anuário da Psicanálise). Uma consequência importante a ser destacada desse período é, sem dúvida, os dois trabalhos de Freud publicados logo no primeiro volume sobre as diferenças entre os

¹⁴¹ MCGUIRE. *Correspondência completa*, p.558.

seus pontos de vista e os de Jung e Adler. Suas considerações encontram-se muito bem descritas em “A história do movimento psicanalítico” e em “Sobre o narcisismo: uma introdução”.

É esse último artigo que nos interessa, particularmente. Acreditamos que as idéias desenvolvidas nele contêm as preciosidades que nos orientam nessa pesquisa. Verificaremos a hipótese de que Freud construía sua teoria sobre as psicoses à medida que respondia aos questionamentos de Jung sobre a teoria da libido. Tomaremos esse artigo, em especial, como a construção de um momento importante de redirecionamento da obra freudiana sobre a teoria das psicoses.

3.

A libido e a psicose

a realidade em questão

A EXPERIÊNCIA DE SATISFAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO DA REALIDADE

Vimos que o tema da realidade já é anunciado nas primeiras correspondências de Freud e Jung. Apesar de não ficar claro como Jung define e constrói sua noção de realidade, Freud deixa explícito que a condição para que a realidade seja constituída é que algo seja subtraído ao sujeito, funcionando como índice de uma realidade externa. É esse vazio subjetivo que organiza e corrige o mundo interno.

Em 1895, Freud elabora um projeto, conhecido como “Projeto para uma psicologia científica”,¹⁴² no qual sua ambição é apresentar uma psicopatologia nos moldes de uma *Naturwissenschaft*, ou seja, ele constrói um modelo de aparelho psíquico que funciona segundo o modelo do arco reflexo e é constituído por sistemas de neurônios que recebem a quantidade de excitação e descarregam-na, tornando-se vazios novamente. Nesse trabalho, Freud demonstra a função primária do aparelho psíquico, que é a tendência a descarregar toda a excitação que o perturba, negando, dessa forma, o seu próprio funcionamento. Mas, como o aparelho deve manter-se funcionando, faz-se necessária a introdução de uma função secundária, expressa no princípio de constância.

Freud apresenta-nos as duas experiências fundamentais capazes de desencadear a constituição da realidade para o sujeito: as experiências de satisfação e de dor. Ambas as experiências são necessidades do organismo e exigem que se realize no meio externo uma “ação específica” para eliminar a excitação. Essa ação só pode ser realizada por um outro que venha funcionar como força auxiliar do sujeito. É, portanto, a eliminação da tensão decorrente dos estímulos internos que dá lugar à vivência de satisfação. Toda vez que o estado de excitação e a percepção do desprazer reaparecerem, a lembrança do objeto de satisfação será reativada em busca da descarga, produzindo, assim, a

¹⁴² FREUD. Projeto para uma psicologia científica (1895), v.I.

alucinação. No funcionamento primário, o aparelho não distingue entre o que é percebido e o que lembrado.

Essas duas experiências fundamentais – a de satisfação e a de dor – deixam um resíduo, que é o afeto, no caso da dor, e o desejo, no caso da satisfação. Tratando-se de desejo, há uma atração primária pelo objeto, já quanto ao afeto, há uma repulsa, uma aversão a investir a imagem do objeto hostil, constituindo a defesa primária (recalque). O processo primário do funcionamento psíquico é caracterizado, portanto, pela atração e pela defesa primárias, mecanismos das experiências de satisfação e de dor, respectivamente. Além disso, esse processo primário visa à identidade de percepção: tanto o objeto temido quanto o objeto desejado são apresentados como percebidos e não como lembrados, ou seja, eles são alucinados. Freud supõe a inibição desse processo para que a realidade possa ser representada psiquicamente. Ele impõe, portanto, um outro tipo de funcionamento buscando não mais a identidade de percepção, mas a distinção entre o que é percebido e o que é apenas lembrado.¹⁴³

Como o princípio de prazer não é capaz de distinguir o objeto real do objeto alucinado, é necessário um princípio de correção que confira ao aparelho psíquico uma eficiência mínima, que será dada pelo princípio de realidade.

O princípio de realidade não diz respeito ao mundo exterior enquanto tal, mas aos signos que o indicam. Ele atua no nível do processo secundário,¹⁴⁴ regulando o que Freud denominou *necessidade vital*. Para Freud, é necessário que haja uma suspensão da ação, ou seja, uma inibição da descarga por parte do eu para que possa haver uma diferenciação entre percepção e lembrança e, assim, o processo de pensar se instale. Se

¹⁴³ FREUD. Projeto para uma psicologia científica (1895), v.I, p.31-2.

¹⁴⁴ As noções de “processo primário” e “processo secundário” estão presentes desde o “Projeto para uma psicologia científica”, de 1895. O processo primário caracteriza o sistema inconsciente e corresponde aos mecanismos de deslocamento e condensação, nos quais a energia psíquica escoo livremente, passando de uma representação a outra sem barreiras. Já o processo secundário caracteriza o sistema pré-consciente-consciente; a energia é ligada e escoo de forma controlada; as representações são investidas de uma maneira estável e a satisfação é adiada. A oposição entre esses dois processos é correlativa da oposição entre princípio de prazer e princípio de realidade.

a inibição não ocorresse, a intensidade do investimento seria semelhante à produzida pelo objeto externo e a distinção entre percepção e lembrança seria impossível.

Freud atribui um elemento comum à percepção e ao desejo, denominando-o *das Ding*. Essa estrutura constante não pertence, contudo, propriamente a nenhum dos dois, mas é em torno dela que as representações organizam-se. Exterior e estranho, *das Ding* fica fora daquilo que é regulado pelo princípio de prazer. Apesar de permanecer como um índice exterior irrepresentável, podemos “representar” *das Ding* como um vazio ou um furo, índice da *coisa*. Ela faz presença embora esteja ausente. É um vazio que não pode ser preenchido por objeto algum. A ação específica trata justamente de reencontrar *das Ding*, o objeto que está no centro da experiência de satisfação. O que foi guardado na memória como traço, como informação a respeito de *das Ding*, será representação, regulada pelo princípio de prazer.

No processo primário, trata-se de fazer coincidir a imagem do objeto com sua representação. A realidade está aí justamente para viabilizar a procura do objeto, não mais tentando uma identidade perceptiva e sim uma identidade mental através do processo secundário. Lacan ajuda-nos a captar melhor essa construção de Freud, ao afirmar que a característica fundamental do aparelho psíquico é que ele está feito não para satisfazer a necessidade, mas para aluciná-la. O princípio de realidade, como princípio de correção, não corrige o mundo interno em relação ao mundo externo, mas corrige o mundo interno em relação a ele próprio.¹⁴⁵

Nesse ponto reside um outro abismo que separa eternamente Freud de Jung: enquanto a originalidade de Freud diz respeito ao reencontro externo traumático com a Coisa, Jung reinscreve o tópico do inconsciente na problemática da jornada espiritual de autodescoberta interior. Jung vai buscar no núcleo mais profundo da personalidade do

¹⁴⁵ LACAN. *O Seminário*, livro 7: A ética da psicanálise (1959-60), p.40.

sujeito o seu verdadeiro “self” e, em Freud, não é isso que é encontrado, mas sim a “próton-pseudos” – a mentira primordial.¹⁴⁶

O “NÃO” CONSTITUINTE: *DIE VERNEINUNG*

As elaborações de Freud sobre *das Ding* apresentadas no “Projeto...” tornam-se mais claras quando lidas com o auxílio de um outro texto, curto, mas de igual densidade, “A denegação”,¹⁴⁷ publicado 30 anos depois do “Projeto”. Nesse trabalho, Freud apresenta as operações primordiais que definem a constituição do sujeito e, conseqüentemente, seu campo de realidade. Ele mantém a hipótese de que “algo” deve ser expulso, deve estar fora, deve ser perdido, para que esta perda seja incluída, seja aceita pelo sujeito e possa ser, enfim, negada. O esforço a ser feito para assimilar essa operação deve se dar num tempo lógico, mítico e não cronológico.

Esse texto adverte-nos que a antítese entre subjetivo e objetivo não existe desde o início. Essa antítese surge do fato de que o pensamento é capaz de trazer à mente algo que já tinha sido percebido anteriormente, reproduzindo-o sem que o objeto externo esteja presente. O principal objetivo do teste de realidade não é, portanto, encontrar na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas sim reencontrá-lo. Assim, uma pré-condição para o estabelecimento do teste de realidade consiste em que os objetos que outrora traziam satisfação real tenham sido perdidos.¹⁴⁸ A condição da prova de realidade é o objeto perdido: ela exige e força a representação a veicular uma falta – a perda do objeto corresponde à abertura do sistema fechado (exclusivamente

¹⁴⁶ A *próton pseudos* é uma representação enganadora que esconde uma verdade inconsciente cujo sentido só se torna acessível *a posteriori*. Ver FREUD. Projeto para uma psicologia científica, p.479-482.

¹⁴⁷ FREUD. A negativa (1925), v.XIX, p.293-300. Adotamos a tradução proposta por Jean Hyppolite (Cf. HYPOLITE. Comentário sobre a “Verneinung” de Freud. Em LACAN. *Escritos*, p.879). Ele opta por traduzi-lo como “A denegação”, ao se deparar com o modo como Freud apresenta o que se é à maneira do não ser: “Vou lhe dizer o que não sou; atenção, é precisamente isso que sou”. É assim que Freud se introduz na função da denegação.

¹⁴⁸ FREUD. Projeto para uma psicologia científica (1895), p.298-9.

econômico) e à ascensão ao mundo da significação: é o processo de nascimento do sujeito e da sua realidade. Trata-se de pôr à prova o exterior pelo interior, da constituição da realidade do sujeito na redescoberta do objeto. O objeto é reencontrado numa busca, uma vez que não se encontra jamais o mesmo objeto.¹⁴⁹

Ao comentar a *Verneinung* de Freud, Jean Hyppolite adverte-nos que Freud, ao abordar a negatividade, o faz sempre de uma forma mítica, ou seja, por trás da aparência de positividade há sempre esse grande mito que a sustenta.¹⁵⁰ Ele observa que “há um primeiro mito do fora e do dentro e é isso que se trata se compreender”.¹⁵¹

Os termos utilizados por Freud para pensar essa operação primordial são *Bejahung* – afirmação primordial – e *Ausstossung* – expulsão primordial –, expulsão original de onde se instaura a estrutura. Ou seja, *Ausstossung* e *Bejahung* são o verso e o reverso de um mesmo gesto de divisão. A dupla operação *Bejahung-Ausstossung* faz-se com o mesmo gesto, pois a incorporação significativa (*Bejahung*) não ocorre sem a rejeição (*Ausstossung*). Sobre a bateria significativa incorporada, intervirão as negações (entre as quais a *Verneinung*). A *Verneinung* – denegação – só se aplica ao que já está incluído no eu, pela *Bejahung*. A *Verneinung* é um modo de tomar conhecimento do recalcado, uma suspensão, mas não certamente uma aceitação do recalcado. Ela admite pensamentos recalcados graças ao símbolo da negação: ela permite a admissão no dentro de uma representação que já está ali.

Freud conclui que é pela via do “não” que se pode dizer o “sim”. O “não” é o certificado de origem, é a marca fundamental e distintiva do sujeito. Um outro termo introduzido por Freud nesse texto é *Verwerfung*, que, veremos, será traduzido por

¹⁴⁹ LACAN. *O Seminário*, livro 3: As psicoses, p.174.

¹⁵⁰ HYPOLITE. Comentário sobre a “*Verneinung*” de Freud, p.879-902.

¹⁵¹ HYPOLITE. Comentário sobre a “*Verneinung*” de Freud, p.898.

Lacan como *forclusão* e definitivamente isolado como sendo a operação presente nas psicoses.¹⁵²

O NARCISISMO NÃO É A INTROVERSÃO

Mas o que acontece com a libido retirada dos objetos, na psicose? Em seu *texto-resposta* “Sobre o narcisismo”,¹⁵³ testemunhamos Freud verificar as conseqüências da proposição da dualidade pulsional advinda da análise das neuroses de transferência e sua possível aplicabilidade às psicoses, particularmente à esquizofrenia. Partindo da hipótese de que haveria um investimento libidinal original do eu e que seria, posteriormente, revertido parcialmente para os objetos, Freud estabelece a distinção entre uma libido do eu e uma libido do objeto. O investimento original do eu foi denominado de “narcisismo primário”. O narcisismo é considerado como um momento anterior ao direcionamento da libido para os objetos externos e a realidade. Ele é, portanto, um fenômeno normal, podendo ser verificado em diversos processos psíquicos, tais como o sono. A libido parte do próprio eu e segue seu curso em direção ao mundo externo com uma escolha posterior de objetos a serem investidos na realidade.

Freud observa que a única condição da libido a que se pode aplicar o termo “introversão”¹⁵⁴ seria a neurose, uma vez que o neurótico investe de libido a realidade exterior. O neurótico pode desistir de sua relação com a realidade, mas ele não corta suas relações eróticas com as pessoas e as coisas, ele as retém na fantasia.

¹⁵² LACAN. *O seminário*, livro 3: As psicoses, p.360. Esse tema será desenvolvido mais detidamente nesse capítulo, na seção “A perda da realidade: a não subtração da libido ou a *Verwerfung* do Nome-do-Pai”, p.87.

¹⁵³ FREUD. Sobre o narcisismo – uma introdução (1914), v.XIX. Sustentamos a hipótese de que esse texto constitui-se em uma resposta às provocações de Jung sobre a libido.

¹⁵⁴ Cf. p.90 desta dissertação e glossário anexo, p.99.

O parafrênico,¹⁵⁵ ao contrário do neurótico, realmente retira sua libido de pessoas e coisas do mundo externo sem substituí-las na fantasia. Freud apresenta-nos as duas características fundamentais do parafrênico – a megalomania e os desvios de seu interesse do mundo externo. A megalomania vale-se da libido objetal que é investida no próprio eu. A essa atitude da libido que investe o próprio eu ao ser afastada do mundo externo, Freud denomina de *narcisismo*. Ou seja: à retirada da libido dos objetos e o retorno dessa libido objetal para o eu, ele chamou de *narcisismo secundário*.

Freud, mais uma vez, refere-se às observações sobre a vida mental das crianças e dos povos primitivos, para avaliar a extensão da teoria da libido. Em ambos encontramos características que, se ocorressem isoladamente, poderiam ser atribuídas à megalomania. É desse fato que a idéia de um narcisismo original do eu se sustenta. Esse investimento original do eu é, posteriormente, transmitido aos objetos. Freud observa ainda que, inicialmente, durante o estado de narcisismo, não é possível diferenciar as energias psíquicas, pois elas existem em conjunto. Somente quando há investimento objetal é que a discriminação entre energia sexual – libido – e energia das pulsões do eu torna-se possível.

O narcisismo coloca um problema a Freud: se a libido pode investir o próprio eu como objeto sexual, em que a libido difere do chamado interesse do eu? Não seria melhor adotar a concepção de Jung, que propunha uma energia psíquica geral, ao invés de tomar a libido em sentido estritamente sexual? Freud não abre mão da distinção e não acredita que a postulação de uma única espécie de energia psíquica nos pouparia de todas as dificuldades presentes na diferenciação entre pulsões do eu e pulsões sexuais. Ele insiste que as pulsões de autoconservação são empiricamente diferentes das pulsões sexuais, cujo objeto pode ser tanto o eu como qualquer outro.

¹⁵⁵ Freud propõe substituir as denominações de esquizofrenia e paranóia por “parafrenia”.

Freud, então, relaciona a libido objetal às neuroses de transferência e a libido do eu às psicoses.

DUALISMO *VERSUS* MONISMO

Freud supõe que o eu não exista desde o começo, mas que ele deve ser desenvolvido. Contudo, as pulsões auto-eróticas encontram-se ali desde o início. Para que o narcisismo seja provocado, é necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo: é o que ele chama de uma “nova ação psíquica”.

Para Freud, a hipótese de que a libido objetal possa transformar-se em libido do eu e que, portanto, é preciso levar em conta essa outra possibilidade de libido, parece ser a única que pode resolver o enigma das neuroses narcísicas – demência precoce – e explicar as semelhanças e dessemelhanças entre elas e a histeria ou as obsessões. Ele aplica a teoria da libido às psicoses, permitindo assim um avanço da teoria e impondo uma nova descrição nosográfica. A elaboração do conceito de *narcisismo* iluminou o mecanismo da doença e estabeleceu a diferenciação das neuroses de transferência e dos distúrbios narcísicos, constituindo-se em uma segunda “psicopatologia freudiana”.¹⁵⁶ Além de discernir o mecanismo, estabelece os pontos de fixação “disposicional” da libido, conforme uma teoria de seu desenvolvimento e regressão. O movimento regressivo da libido aos pontos de fixação criados na trajetória do indivíduo determina as afecções neuróticas ou psicóticas. A segunda psicopatologia freudiana, assentada na teoria da libido, estabelece uma separação entre neuroses e psicoses. O recalque continua sendo o mecanismo comum, com a determinação do quadro clínico baseando-se em seu sucesso ou fracasso e nas formas de retorno do recalado.¹⁵⁷

¹⁵⁶ MEZÊNCIO. *A aplicação da psicanálise no tratamento da psicose*, p.66.

¹⁵⁷ MEZÊNCIO. *A aplicação da psicanálise no tratamento da psicose*, p.66.

Freud, ao apresentar as três fases do recalque – a fixação, o recalque propriamente dito e o retorno do recalado – distingue os vários pontos possíveis de fixação ao longo do desenvolvimento normal da vida sexual do indivíduo: auto-erotismo, narcisismo e escolha de objeto.

No tópico intitulado “Teoria da libido”, acrescentado aos “Três ensaios...” em 1915 e ampliado em 1920, Freud resume as conclusões do artigo sobre o narcisismo, publicado no ano anterior, e manifesta a recusa em estabelecer uma unidade da libido em termos de energia psíquica geral. Ele insiste na concepção da dualidade pulsional e do conflito entre libido e interesse do eu, isto é, conflito entre o eu e a sexualidade. O eu, como sede das pulsões de autoconservação e submetido ao registro da necessidade, seria naturalmente sensível à educação e à adaptação à realidade. As pulsões sexuais, por outro lado, sendo auto-eróticas em sua origem, não necessitam de um objeto na realidade e não são suscetíveis à influência.

Em 1920, Freud propõe, em “Além do princípio do prazer”,¹⁵⁸ uma nova hipótese pulsional, introduzindo os conceitos de *pulsão de vida* e *pulsão de morte*. A concepção anterior opunha a pulsão sexual à pulsão do eu ou de autoconservação. A sexualidade, cuja presença na etiologia das neuroses foi cedo detectada, é colocada como um dos pólos do conflito psíquico. Em confronto com a sexualidade, vai sempre existir, na teoria freudiana, uma outra força que se lhe opõe e este dualismo pulsional é fundamental na economia psíquica.

No quadro da primeira teoria das pulsões, temos, de um lado, as pulsões do eu, que se equiparam às de autoconservação, isto é, àquelas que só podem se satisfazer com um objeto real e, portanto, assimilam rapidamente o princípio de realidade. De outro lado, estão as pulsões sexuais que visam à obtenção de prazer. Nesse artigo, Freud

¹⁵⁸ FREUD. Além do princípio do prazer (1920), v.XVIII.

distingue os dois grupos de pulsões, afirmando que apenas as pulsões sexuais têm a libido por energia; as pulsões de autoconservação, ou pulsões do eu, são não-libidinais. A força sexual impôs-se a Freud através da prática clínica, como um elemento privilegiado do recalçamento no inconsciente.

Esse dualismo pulsional da primeira fase é, contudo, submetido a uma revisão em 1914, com a introdução do conceito de narcisismo. Ora, quando o sujeito toma a si próprio como objeto de amor, o interesse (energia da pulsão do eu) e a libido (energia da pulsão sexual) convergem para uma mesma direção, isto é, o eu. Dificilmente pode-se ver aí uma verdadeira oposição. O antagonismo será entre libido do eu e libido objetal, ou seja, a mesma energia é investida em uma ou em outra direção, mas não há uma diferença qualitativa entre elas que permita falar de dualismo. Ao contrário, o que podemos perceber é um monismo, semelhante ao proposto por Jung e tão repudiado por Freud.

A nova teoria pulsional, introduzida em 1920, vem resgatar o dualismo pela oposição radical de duas forças pulsionais. Freud formula a hipótese de uma pulsão de morte que, contrapondo-se a Eros, busca a aniquilação da vida. A pulsão sexual foi então transformada em Eros, que procura reunir e manter juntas as partes da substância viva. Tal pulsão é, portanto, a parte de Eros voltada para os objetos. Eros opera desde o início da vida e aparece como uma “pulsão de vida” em oposição à “pulsão de morte”. Destaca-se aí toda uma seqüência de fenômenos ligados à agressividade e ao ódio – sadismo, masoquismo, ambivalência – que não se enquadravam no primeiro esquema pulsional e não obtinham uma explicação satisfatória na teoria psicanalítica.

O surpreendente fenômeno da compulsão à repetição, uma tendência inconsciente a restabelecer situações anteriores e que se manifesta nas mais diversas modalidades, dá a aparência de alguma força “demoníaca” em ação, que está além do princípio de prazer. Trata-se da repetição de protótipos inconscientes que visa à

obtenção de prazer pelo sofrimento. A compulsão à repetição escapa ao domínio do princípio de prazer, indicando o caráter conservador e regressivo da pulsão.

O objetivo primordial da pulsão é, então, voltar à situação que precedeu a tensão; ela visa à redução da tensão, satisfazendo a necessidade. Nas palavras de Freud, “a pulsão é um impulso inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas”.¹⁵⁹ Assim, a pulsão de morte se impôs inapelavelmente a Freud como uma tendência a atingir um estado anorgânico, anterior à vida, revelando, pois, o que a pulsão tem de mais essencial. Dessa forma, o princípio que rege o funcionamento do aparelho psíquico seria o de Nirvana, tendendo a reduzir a zero toda e qualquer excitação.

A pulsão de morte estaria, inicialmente, voltada para dentro do sujeito, buscando sua própria destruição, mas seria, em seguida, graças à força que se lhe contrapõe – a pulsão de vida – dirigida, parcialmente, para o exterior, sob a forma de agressividade. O efeito desagregador é em parte neutralizado e empregado no sentido da dominação, auxiliando a própria sobrevivência do indivíduo.

A pulsão de vida, Eros, engloba os componentes da primeira formulação pulsional, pulsão sexual e do eu, cujo objetivo é a união, a conservação da vida, a criação de unidades cada vez maiores. A pulsão de morte, em contrapartida, busca a separação, a desagregação. Mas as duas forças pulsionais estão sempre juntas, mescladas em proporções variáveis e, para fins de descarga, a pulsão de destruição é habitualmente colocada a serviço de Eros.¹⁶⁰

LIBIDO DESSEXUALIZADA E PSICOSE

Concluimos que Eros é a energia ligada – libido –, ao passo que a energia da pulsão de morte não é a libido e sua energia é livre. Freud apresenta-nos em 1920 um

¹⁵⁹ FREUD. Além do princípio do prazer (1920), v.XVIII, p.54.

¹⁶⁰ FREUD. O eu e o isso (1923), v.XIX, p.57.

novo dualismo: as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais unificadas sob a rubrica de *pulsões de vida* (cuja energia é a libido) e a elas são opostas à *pulsão de morte*. Freud insiste que as pulsões jamais atuam isoladamente – modelo de fusão das pulsões – e esse movimento é dialético, pois os dois eixos pulsionais opostos unem-se sem se anular.

Em “O eu e o isso”, Freud formula a instância do *supereu*, além do eu e do isso e expõe o que ficou conhecido como a segunda “tópica” freudiana. Ele sustenta o desenvolvimento realizado até então sobre as pulsões, afirmando que o surgimento da vida seria a causa da continuação da vida e também, ao mesmo tempo, do esforço no sentido da morte. A vida seria, assim, um conflito e uma conciliação entre essas duas tendências. A pulsão de morte expressaria um impulso de destruição dirigido contra o mundo externo e outros organismos.¹⁶¹ Essa hipótese, no entanto, não o satisfaz, pois ela não esclarece como as duas classes de pulsões se fundem, misturam e ligam uma com a outra. Para dar conta dessa questão, Freud supõe a existência de uma energia deslocável e neutra na mente, proveniente do estoque narcísico de libido. Essa libido deslocável é empregada a serviço do princípio de prazer para neutralizar bloqueios e facilitar a descarga. Freud adverte-nos que essa energia deslocável é libido dessexualizada, podendo também ser descrita como energia sublimada, pois retém a finalidade principal de Eros – a de unir e ligar –, ajudando a estabelecer a unidade ou tendência à unidade, que é uma característica do eu.

A transformação de libido erótica em libido do eu envolve um abandono de objetivos sexuais, ocorrendo assim uma dessexualização. Ao apoderar-se da libido do objeto e dessexualizar ou sublimar a libido do isso, o eu erige-se como objeto amoroso único e coloca-se a serviço de pulsões opostas a Eros.

¹⁶¹ FREUD. O eu e o isso (1923), v.XIX, p.56.

Freud introduz então o supereu, definido como uma instância especial no eu, mas que se mantém à parte dele, tendo sua origem no complexo de Édipo. O supereu surge de uma identificação com o pai, tomado como modelo. Toda identificação desse tipo implica em uma dessexualização ou mesmo em uma sublimação das pulsões. Quando uma transformação dessa espécie se efetua, ocorre ao mesmo tempo uma desfusão pulsional. Após a sublimação, o componente erótico não tem mais o poder de unir a totalidade da agressividade que com ele se achava combinada, sendo liberado sob a forma de uma inclinação à agressão e à destrutividade. Essa desfusão seria a fonte do caráter geral de severidade e crueldade apresentado pelo ideal.¹⁶²

No caso da psicose, apesar dessa libido ser retirada dos objetos e direcionada ao eu, transformando-se em libido do eu – narcisismo secundário –, não podemos falar de uma dessexualização como energia sublimada, pois a libido, agora voltada para o eu, visa a engrandecê-lo, perdendo todo o contato com a realidade.¹⁶³

No ano seguinte, Freud discute, em “O problema econômico do masoquismo”, a existência de uma tendência masoquista na pulsão e inicia a explicação do sentimento de culpa à luz da pulsão de morte. O masoquismo é considerado como primordial, apresentando-se de três formas: o erógeno, o feminino e o moral. Essas três formas de masoquismo implicam três maneiras de operação da pulsão de morte. Na primeira, a pulsão sexual tenta domar uma parte da pulsão de morte e colocá-la a seu serviço. Assim, quando projetada para o exterior com objetivo sexual, ela é transformada em sadismo. A segunda sofre a intervenção da sexualidade e a terceira pode ser vista como um retorno da agressividade ao eu, que, para Freud, é a culpa. O problema é que uma parte da pulsão de morte não sofre nenhum desses destinos.¹⁶⁴

¹⁶² FREUD. O eu e o isso (1923), v.XIX, p.71.

¹⁶³ Esse tema será discutido mais detalhadamente na seção seguinte.

¹⁶⁴ SALUM. *A psicanálise e a lei: uma abordagem das relações entre o crime e o castigo*.

Até aqui vimos Freud articular a pulsão de morte às pulsões sexuais e a destrutividade sempre vinculada à sexualidade, jamais sendo autônoma. Mas, a partir de “O mal-estar na civilização”,¹⁶⁵ Freud expõe a plena autonomia da pulsão de morte entendida como pulsão de destruição, reconhecendo a ubiqüidade da agressão e destruição não-eróticas. Ele formula, assim, a seguinte proposição: quando uma tendência pulsional experimenta o recalque, seus elementos libidinais são transformados em sintomas e seus componentes agressivos em sentimento de culpa.¹⁶⁶

A luta entre Eros e a pulsão de morte foi empregada não só para caracterizar o processo de civilização que a humanidade sofre, mas também vinculada ao desenvolvimento do indivíduo. O processo civilizatório constitui uma modificação experimentada pelo processo vital sob a influência de uma tarefa que lhe é atribuída por Eros e incentivada por Ananké – pelas exigências da realidade –, que é a de unir indivíduos isolados numa comunidade ligada por vínculos libidinais.¹⁶⁷ Eros é o que ordena aos seres humanos que se unam numa massa cada vez mais indiferenciada e o preço dessa união global da humanidade é não apenas o da renúncia pulsional, mas ainda o de um crescente sentimento de culpa. Vale lembrar que “Eros também é pulsão e, como tal, não se submete completamente ao processo civilizatório”.¹⁶⁸

Esse breve percurso pela elaboração de Freud sobre as pulsões permite-nos captar o que ele nos indica em seu texto “A denegação”,¹⁶⁹ ao articular Eros e Tântatos: “a afirmação, na medida em que substitui a união, pertence à pulsão de vida; a denegação, ‘sucessora da expulsão’, pertence à pulsão de morte”.¹⁷⁰

¹⁶⁵ FREUD. O mal-estar na civilização [1930 (1929)], v.XXI.

¹⁶⁶ FREUD. O mal-estar na civilização [1930 (1929)], v.XXI, p.163.

¹⁶⁷ FREUD. O mal-estar na civilização [1930 (1929)], v.XXI, p.164.

¹⁶⁸ GROSSI. *O conceito de repetição em Freud*, p.128.

¹⁶⁹ FREUD. A denegação (1925), v.XIX, p.293-300.

¹⁷⁰ FREUD. A denegação (1925), v.XIX, p.300.

Em consequência dessas teorias pulsionais, Freud organiza a nosografia psicanalítica baseada no conflito e na divisão do eu: a denominação de neurose narcísica fica restrita ao quadro da melancolia – conflito entre o eu e o supereu; as psicoses são resultados do conflito entre o eu e o mundo externo; e as neuroses, do conflito entre o eu e o outro.¹⁷¹ Observamos que o eu dividido, ao tentar reconciliar as várias exigências feitas a ele, sacrifica uma parte da realidade em graus e maneiras diferentes.

A PERDA DA REALIDADE: A NÃO-SUBTRAÇÃO DA SATISFAÇÃO LIBIDINAL OU A *VERWERFUNG* DO NOME-DO-PAI

Freud pôde definir a libido como a energia própria às pulsões sexuais, empenhando-se em mostrar que ela não serve às finalidades de conservação da espécie, mas que anima as pulsões múltiplas e disjuntas. Os dois grupos de pulsões freudianas disputam o domínio do corpo e de cada órgão: temos, então, um corpo fragmentado. “Freud nos mostra este corpo fragmentado em zonas erógenas, em que cada parte do corpo é suscetível de ser subtraída de uma unidade funcional do corpo, em razão dos investimentos libidinosos.”¹⁷²

Para desenvolver esse tema da subtração da satisfação libidinal, nos apoiaremos no estudo de Freud “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão”.¹⁷³ Nesse artigo, Freud aborda um caso de cegueira histérica sem fundamento orgânico, expondo a oposição entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais. O que Freud chama de pulsões do eu são as pulsões animais, que trabalham para a sobrevivência do corpo, para a autoconservação do indivíduo, e ele atribui-lhes papel vital na função do recalque. As pulsões são organizadas para obedecer a esse saber do corpo. Nesse sentido, o olho é

¹⁷¹ FREUD. Neurose e psicose (1924 [1923]), v.XIX, p.192.

¹⁷² MILLER. Biologia lacaniana e acontecimentos de corpo, p.55.

¹⁷³ FREUD. A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (1910), v.XI.

feito para ver e o fenômeno em questão no artigo é o de que o corpo deixa de servir à sua finalidade natural. Houve aí a introdução de uma perturbação que fez com que o órgão parasse de trabalhar para a finalidade do organismo total.¹⁷⁴ A visão, por ter sido objetivamente investida, deixa de funcionar objetivamente. Há uma espécie de investimento libidinal do órgão que perturba justamente a função objetiva deste órgão para o sujeito. Em outras palavras, onde não houve extração da libido objetal o funcionamento orgânico se vê comprometido.

Para Freud, a cegueira histérica é o resultado de uma dissociação entre os processos inconscientes e conscientes no ato de ver. Uma vez que as perturbações psicogênicas da visão dependem de que certas idéias, relacionadas com a visão, sejam suprimidas, a psicanálise admite que essas idéias entraram em oposição com outras mais poderosas e, por esse motivo, encontram-se sob recalque. Para Freud, foi o recalque mantido contra a pulsão sexual parcial, relativa ao funcionamento do órgão, que causou essa perturbação. O recalque, como um acontecimento do corpo, tem como resultado, por excelência, limitações funcionais e inibições.¹⁷⁵

Encontramos, nesse artigo de 1910, uma pérola deixada por Freud, que sem dúvida nos ajudará a pensar a impossibilidade de conceber a psicose desvinculada da presença maciça da pulsão sexual. O corpo libidinal freudiano é um corpo cujas partes são suscetíveis à erotização e, conseqüentemente, à autonomia. Na psicose, uma vez que a extração da libido objetal não ocorre, o funcionamento orgânico se vê comprometido.

Jacques-Alain Miller, ao trabalhar o tema da realidade, retoma a nota que Lacan acrescentou em 1966 à “Questão preliminar”, citando uma fórmula de difícil entendimento: “o campo da realidade se sustenta apenas pela extração do objeto *a* que,

¹⁷⁴ MILLER. *Elementos de biologia lacaniana*, p.66.

¹⁷⁵ MILLER. *Elementos de biologia lacaniana*, p.55.

entretanto, lhe enquadra”.¹⁷⁶ A partir de então, Miller procura desenvolver essa frase articulando a dimensão libidinal das psicoses ao objeto *a*, ou seja, a realidade está condicionada ao distanciamento, à extração desse objeto, e é exatamente porque é extraído que ele dá à realidade seu enquadramento: o do furo. O furo é o quadro-realidade, a moldura é o enquadre. O sujeito é esse furo, sujeito barrado, como falta-a-ser. Na psicose, a “morte do sujeito” é o que responde à não-extração do objeto *a*.

A partir dessas considerações, o texto de Freud torna-se mais claro: é necessário que, para que o olho exerça sua função de ver, ele não possa se ver, ou seja, é preciso que ele seja desinvestido libidinalmente para que possa libidinizar o objeto que é visto por ele. A visão do campo da realidade esconde o olhar. Na psicose, o que ocorre é que o olhar torna-se visível precisamente porque, como objeto *a*, ele não se encontra extraído do campo da realidade. O que se produz, portanto, quando o objeto *a* não é extraído, é o transporte do olhar para esse ponto no infinito e é isso que o torna visível. A experiência da psicose prova que a não-extração do objeto é correlata da multiplicação das vozes e da multiplicação dos olhares.¹⁷⁷

O que interessa a Freud, na psicose, principalmente no caso Schreber, é conceber o destino da pulsão, da libido. Na última parte do seu escrito sobre o mecanismo da paranóia, ele dedica-se à questão de conhecer o que é a libido no recalque característico da paranóia. “Os delírios de perseguição, de ciúmes e a erotomania derivam das diferentes formas de negação de uma exigência pulsional, que, na paranóia, estaria aprisionada à vertente narcísica de satisfação.”¹⁷⁸

Quando Freud compara o conflito neurótico ao conflito psicótico, em “A perda da realidade na neurose e na psicose”, ele está afirmando que existe crise ou conflito

¹⁷⁶ LACAN. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957-58), p.560.

¹⁷⁷ MILLER. Mostrado em Prémontré, p.150-4.

¹⁷⁸ MANDIL. As psicoses e seus destinos, p.132.

quando há oposição entre a exigência pulsional e a consideração da realidade pelo sujeito.

Uma vez que, na neurose, o conflito se dá pelo retorno da exigência pulsional à qual o sujeito renunciou em favor da realidade, na psicose o conflito ocorre quando se impõe, para o sujeito, a parte da realidade recusada em benefício da pulsão. Isso quer dizer que o conflito apresenta-se quando é exigida do sujeito psicótico uma consideração parcial da realidade que ele recusa.¹⁷⁹

Na contramão das elaborações de Freud, verificamos que, em Jung, a profunda transformação da realidade que se manifesta nas psicoses é devida a uma metamorfose da libido, análoga à que Freud entreviu a propósito das neuroses. Só que, no psicótico, segundo Jung, a libido é introvertida no mundo interior do sujeito e essa introversão da libido provoca certa nebulosidade sobre a realidade. Essa vertente do mecanismo das psicoses, proposta por Jung, está totalmente em continuidade com o mecanismo das neuroses, proposto por Freud.¹⁸⁰ Em “Dinâmica da transferência”, Freud equivale a introversão não ao mecanismo da psicose, mas como um processo comum na análise, que se ergue como resistência ao trabalho analítico. Nesse artigo, a introversão constitui-se em uma pré-condição invariável e indispensável a todo desencadeamento de uma neurose:

[...] a parte da libido que é capaz de se tornar consciente e se acha dirigida para a realidade é diminuída e a parte que se dirige para longe da realidade e que, embora possa ainda alimentar as fantasias do indivíduo, pertence, todavia ao inconsciente, é proporcionalmente aumentada. A libido (inteiramente ou em parte) entrou num curso regressivo e reviveu as imagos infantis do indivíduo. O tratamento, então, passa a segui-la; ele procura rastrear a libido, torná-la acessível à consciência e, enfim, útil à realidade.¹⁸¹

¹⁷⁹ TEIXEIRA. Forclusão generalizada: como é possível não ser louco?, p.62.

¹⁸⁰ LACAN. *O seminário*, livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954), p.141-2. Cf. p.76 desta dissertação.

¹⁸¹ FREUD. Dinâmica da transferência (1912), v.XII, p.136-7.

Freud não considera o mecanismo da introversão como algo primário nas psicoses. Ao contrário, ele afirma que a única condição da libido a que se pode, legitimamente, aplicar o termo “introversão” refere-se aos que sofrem de histeria ou de neurose obsessiva. Enquanto sua doença persistir, também desistirão de sua relação com a realidade. Apesar disso, de modo algum cortam suas relações eróticas com as pessoas e as coisas – eles as retêm na fantasia. Já com o psicótico, a situação é diferente, o processo da introversão mostra-se secundário. O psicótico realmente retira sua libido de pessoas e coisas do mundo externo, mas sem substituí-las na fantasia e, quando isso acontece, constitui-se como parte de uma tentativa de recuperação, destinada a conduzir a libido de volta a objetos.¹⁸²

Retomando as articulações realizadas por Freud em “Die Verneinung”, temos no próprio ato da fundação do sujeito uma destituição, uma divisão primordial. O sujeito é constituído na sua afirmação primordial (*Bejahung*) – que é a introdução do bom no eu – por uma expulsão radical (*Ausstossung*) no seu ser – expulsão daquilo que é mau. O campo de exterioridade ao eu institui-se a partir dessa expulsão, que, por sua vez, constitui a condição de que o sujeito possa simbolizar sua história. Freud afirma que a *Bejahung* é um substituto da união – correspondente a Eros – e a denegação (*Verneinung*), que seria o prolongamento da expulsão, pertence à pulsão de destruição. O par inicial é “afirmação-expulsão” e só mais tarde pode produzir-se a “denegação”. Para negar algo, aquilo que é negado teve que ser afirmado em um tempo anterior.

No caso das psicoses, trata-se de um significante específico que não é admitido no simbólico e, enquanto tal, é rejeitado. Lacan propõe que o significante rejeitado é um significante singular: o Nome-do-pai. Dessa forma, ele afirma que, na psicose, não há *Bejahung* do Nome-do-pai.

¹⁸² FREUD. Sobre o narcisismo... (1914), v.XIV, p.90-1.

Lacan extrai do caso do Homem dos Lobos o conceito de *foraclusão*. A partir do relato de um episódio alucinatório ocorrido na infância do paciente, Freud propõe a noção de rejeição (*Verwerfung*), mas Lacan interpreta essa *Verwerfung* como uma não *Bejahung*, como abolição simbólica, “rejeição de um significante primordial em trevas exteriores”.¹⁸³ É o que dá sentido retroativo à formulação freudiana do mecanismo da psicose, nos termos de que “aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora”.¹⁸⁴ Por não haver sido simbolizado, o retorno se dá no real, na forma dos fenômenos elementares da psicose. É exatamente por estar “fora” que esse significante primordial não aceito “dentro” retorna desde fora.

Entendemos que a operação *Ausstossung-Bejahung* deve ser reservada para pensarmos a operação de subtração da satisfação libidinal, que, como vimos, é fundamental para a constituição do sujeito e, conseqüentemente, do seu campo de realidade. Em termos lacanianos, a subtração libidinal é concebida como a extração do objeto *a*, ou seja, a entrada no universo simbólico supõe uma perda radical, originária, do objeto. O objeto se perde no tempo mítico no qual o vivente é banhado pela linguagem, ficando, assim, numa posição de “exterioridade íntima”: é o que Lacan chama de “extimidade”. Ele nos apresenta a tese segundo a qual a lei do homem é a lei da linguagem, lei que é portadora da proibição do incesto e está correlacionada com uma perda irrecuperável, fundadora de uma eternização do desejo. O acesso ao símbolo faz-se por meio de uma separação entre o sujeito e o objeto de sua satisfação inicial.¹⁸⁵

O par *Ausstossung-Bejahung* deve ser entendido, então, como a operação pela qual se perde originariamente o objeto pelo fato de que o sujeito habita a linguagem: “o significante mata a coisa”, ou “a palavra é a presença de uma ausência”. A conseqüência psíquica da não-operação *Ausstossung-Bejahung* é a *Verwerfung*, que se refere à

¹⁸³ LACAN. *O seminário*, livro 3: As psicoses (1955-1956), p.174.

¹⁸⁴ FREUD. Notas psicanalíticas sobre um relato... (1911), v.XII, p.95.

¹⁸⁵ MALEVAL. *La forclusión del Nombre del Padre*, p.54.

operação que deixa fora do simbólico o significante do Nome-do-pai. Ao ficar fora da simbolização, esse significante se manifestará no real. Nesse movimento libidinal, nesse mito do dentro e do fora, a *Ausstossung-Bejahung* institui o mundo simbólico de um sujeito, cuja conseqüência psíquica é a *Verneinung*, a possibilidade de negar o já recalcado, enquanto que a *Verwerfung* constitui o que é abolido, o que escapa à simbolização. E, escapando à simbolização, esse significante Nome-do-Pai, que se encontra foracluído, não se encadeia e não produz significação.

Na neurose, o pai é tomado como aquele que agencia a castração. Nesse sentido, pode-se afirmar que a castração é o certificado de que ali teve origem o sujeito. A castração é a expulsão, a renúncia pulsional à qual o sujeito se submete, permitindo a afirmação de um campo de significantes, chamados, por Lacan, de *primordiais*.

A partir do que Freud nos ensina – que é pela via do “não” que se pode dizer o “sim” – utilizando-se do enunciado “*Made in Germany*” para “apresentar” o certificado de origem do sujeito, permitimo-nos uma brincadeira e afirmamos que a ocorrência da operação *Ausstossung-Bejahung* é o certificado de origem do sujeito: “*Made in Pai*”.¹⁸⁶ Ou melhor: é porque o sujeito aceita a castração que o seu mundo da realidade se constitui. Com a castração, abre-se uma brecha, uma lacuna que divide o sujeito inserindo-o no campo do desejo, da promessa de um reencontro com o objeto que outrora lhe trouxe satisfação. É essencialmente o significante do Nome-do-Pai que se trata de ser transmitido, na neurose.

Na psicose, no entanto, não é isso que acontece. A catástrofe na psicose é exatamente porque o pai não foi capaz de transmitir o seu nome, deixando o sujeito “largado”, à deriva.

¹⁸⁶ Essa idéia foi sugerida por Maria José Gontijo Salum, a propósito de uma discussão sobre o tema da *Verwerfung*.

CONCLUSÃO

O título desta dissertação faz alusão ao romance *Crônica de uma morte anunciada*, de Gabriel García Márquez, em que o escritor monta um quebra-cabeça cujas peças vão se encaixando pouco a pouco, revelando, assim, o motivo da morte de Santiago Nasar, anunciada já nas primeiras linhas da narrativa. Analogamente, essa dissertação percorre o caminho teórico que levou ao rompimento entre Freud e Jung, anunciado desde as primeiras correspondências devido à incompatibilidade conceitual já então evidente.



O que gera a ilusão pansexualista?

Essa ilusão, como vimos, cai com a emergência do discurso da ciência. Então, o que gera a ilusão pansexualista, segundo Jacques Alain-Miller, é que toda significação, sendo imaginária, é fundamentalmente sexual. O enfoque científico, portanto, supõe uma *dessexualização* da abordagem do mundo.¹⁸⁷

A partir dessa constatação, a proposta de Jung de dessexualizar a libido revela-se como um meio de manter a sexualidade intocável. Uma vez que sua teoria funciona segundo as leis do discurso pré-científico, isto é, analogicamente, ela sustenta-se na pura proporção sexual, numa tentativa de encontrar no mundo a complementaridade ilusória da relação sexual.

Tomemos a diferença entre o conhecimento filosófico e saber científico e situemos, no contexto de nossa pesquisa, seus respectivos protagonistas: Sigmund Freud e Carl Gustav Jung. Em Freud, encontramos a comparação da teoria psicanalítica a um procedimento científico. Ele a concebe como um saber que se constitui em etapas e cada

¹⁸⁷ MILLER. Elementos de epistemologia, p.42.

construção é avaliada conforme sua capacidade de tornar pensável seu objeto, estando, portanto, sujeita a constantes testes e a revisões. Freud critica, na especulação filosófica, o ideal de uma adequação entre o pensamento e a coisa representada, que orienta as interpretações dos signos no interior de uma estrutura virtualmente completa.¹⁸⁸

A essência da teoria do conhecimento é o ideal de uma co-naturalidade especular entre sujeito e objeto, mas é exatamente isso o que a ciência vem interpelar: o princípio de explicação do qual a ciência parte não é uma representação retirada de uma observação da natureza: ela constrói seu objeto artificialmente, a partir de si mesma. E como o saber científico recusa a complementaridade sujeito-objeto, pode-se dizer que ele dessexualiza a presença do sujeito no mundo. A ciência diferencia-se, portanto, do conhecimento, à medida que desumaniza a relação do sujeito com o saber.

Jung propõe um retorno permanente da libido, isto é, não existe na teoria junguiana um ponto de escansão para as transformações da libido. Ela regride indefinidamente, buscando o renascimento, buscando uma complementaridade entre o sim sexual e o sim religioso à vida. A teoria do conhecimento revela a expansão desregulada da dimensão imaginária.

Concluimos então que não há diferenciação entre o que é da ordem do princípio da realidade e o que é da ordem do princípio do prazer. Não há a passagem que consideramos crucial, que é a passagem da natureza para cultura. Há, na teoria junguiana, uma linearidade que não nos permite perceber como a realidade é concebida, senão como arquetípica. Assim sendo, acredita-se que sua libido possui uma função de acesso a um mundo primitivo dos pensamentos. O mundo antigo chegaria até o nosso por meio do inconsciente coletivo que, por sua vez, teria a libido como a energia – neutra – capaz de potencializar essa memória arcaica, produtora de símbolos e mitos.

¹⁸⁸ TEIXEIRA. *Conhecimento paranóico e saber científico*, p.184.

Jung, ao recusar o princípio de constância proposto por Freud, recusa, por conseguinte, a existência de um paradoxo na satisfação libidinal. Acreditamos que é exatamente devido à sua visão analógica do símbolo – as sucessivas metamorfoses da libido – que Jung suprime a libido e, conseqüentemente, dessexualiza-a.

Freud, ao contrário, opõe o princípio de realidade ao princípio de prazer, estabelecendo uma diferença fundamental, pois a realidade aí é definida como dessexualizada.¹⁸⁹ Ancorado no discurso da ciência, ele estabelece um verdadeiro corte epistemológico ao introduzir a noção de *sexualidade*, dissociando-a radicalmente da idéia de *genitalidade*. É isso que Jung não consegue captar, já que está por demais preso ao saber oferecido pelo conhecimento. Não havendo uma continuidade entre sexualidade e genitalidade, Freud propõe que a satisfação libidinal seja subtraída ao sujeito para que seu organismo funcione. Um objeto tem necessariamente que estar *fora* para que a realidade seja constituída. Deve haver uma perda subjetiva para que o mundo interno seja organizado, caso contrário, o sujeito “cairá sob o golpe da *Verwerfung*”.

O percurso que decidimos realizar para chegar a esse ponto foi o de buscar, no texto de Freud “die Verneinung”, as bases que sustentam nosso argumento da subtração da libido como fundamental para a constituição do campo da realidade.

Verificamos, no decurso dessa pesquisa, que a constituição da realidade só é possível se a satisfação libidinal for extraída do campo subjetivo e, nesse sentido, afirmamos que nas psicoses esse campo não se constitui, exatamente pela não ocorrência desse evento de subtração. A *Verwerfung* é a ausência absoluta da operação de subtração, é a conseqüência psíquica da não-operação *Ausstossung-Bejahung*, deixando o sujeito fora do universo simbólico, preso do lado de fora, *foracluso*, preso no mundo da psicose.

¹⁸⁹ LACAN. *O seminário*, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964), p.147.

A importância dessa operação primordial – o par inicial expulsão-afirmação constitutivo do mundo da realidade de um sujeito – é o certificado de que, naquele sujeito, houve a transmissão de um pai.

O movimento realizado pela libido ao longo da vida de um sujeito encontra obstáculos que devem ser superados para que o sujeito possa seguir libidinizando tanto o eu quanto os objetos. A libido, figurada pela imagem da ameba que lança seus pseudópodes em várias direções e retorna ao eu quando necessário, é fundamental para entendermos o que se passa na psicose.

Como o objeto que deve ser perdido – ou melhor, que deve ser expulso do eu para que uma brecha, um corte seja cravado no sujeito – não se dá nas psicoses, a libido não tem a liberdade que precisa para se movimentar e circular pelo aparelho psíquico. Ela fica presa, investindo indefinidamente o próprio eu do sujeito, sem flexibilidade suficiente para emitir seus pseudópodes em direção ao mundo dos objetos e precipitar o enquadramento da realidade.

O debate que inspirou essa pesquisa – a controvérsia entre Freud e Jung sobre a libido – conduziu-nos aos detalhes de um relacionamento que passou do idílio à “guerra”. Mas nesse percurso deparamos-nos também com as contingências quase necessárias a toda pesquisa: a escolha de um dentre os vários caminhos a seguir. Escolhemos o caminho que, aparentemente óbvio, permitiu-nos articular aqueles que nos parecem ser os aspectos mais singulares da experiência freudiana: a dimensão contingencial da constituição subjetiva e a radical ausência de sentido da sexualidade.

Esse caminho conduziu-nos a um outro ponto importante, mas que deixaremos para uma pesquisa futura: refere-se ao fato de que todo o esforço de Freud para extrair do sexo qualquer atribuição de sentido o fez, há cem anos, ser considerado um revolucionário, mas, ao mesmo tempo, ser atacado por grande parte dos colegas

“cientistas” que não foram capazes de acompanhá-lo nessa descoberta. Dentre eles, Jung. Nesse sentido, acreditamos que a investigação do debate Freud-Jung continua sendo importante. Vemos surgir, hoje, oposições ao saber produzido por Freud sobre o sexual e essas oposições dão-se nos moldes junguianos, com algumas ressalvas, mas essencialmente à maneira de Jung tratar o problema.

A psicanálise, desde o seu surgimento, nunca deixou de enfrentar as oposições, seja com a religião que não hesita em atribuir sentido ao sexo – uma vez que “a religião depende da existência do sexo para que ela possa espiritualizar e então significar a relação sexual” –,¹⁹⁰ seja na concepção contemporânea da sabedoria “new age”, que postula a abertura do caminho para o despertar espiritual da humanidade, onde não existem encontros contingentes. Ou seja, como nossa energia psíquica faz parte da energia do próprio universo, que determina o rumo das coisas, os encontros contingentes externos sempre portam uma mensagem endereçada a nós. Esses encontros ocorrem como resposta a nossas necessidades e perguntas. A sabedoria “new age” tem o “destino” como guia.

Uma outra forma de oposição à psicanálise, mas não a última, são as não tão atuais terapias cognitivo-comportamentais – as TCC –, mas que ultimamente vêm ganhando uma força surpreendente. Além de propor métodos de avaliar e mensurar o sofrimento humano, propõe fórmulas mágicas de curar o sujeito, fórmulas rápidas, sem compromisso com a causa de seu sofrimento, pois segundo os seguidores dessas técnicas, o homem de hoje não tem tempo a perder nos divãs de psicanalistas.

O que vemos hoje é a proliferação da recusa da existência – da *invenção* – do inconsciente, que Freud nos legou.

¹⁹⁰ BADIOU. Crise do sexo, p.10 (tradução minha).

GLOSSÁRIO

- 1) **Arquétipo:** agrupamento definido de caracteres arcaicos que, em forma e significado, encerra motivos mitológicos, aparecendo em forma pura nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas e no folclore. O arquétipo é a representação psicológica do instinto – explica o aspecto universal dos padrões de comportamento humano, tal como o esqueleto que estrutura e dá base ao corpo.
- 2) **Complexo:** uma aglomeração de sentimentos estranhos ou dolorosos, normalmente inacessíveis ao contato exterior. Os conteúdos de um complexo encontram-se ligados a reações fisiológicas, aos processos cardíacos, ao tônus dos vasos sanguíneos, à condição dos intestinos, à enervação da pele e à respiração. Por ser dotado de tensão ou energia própria, tem a tendência de formar, também por conta própria, uma pequena personalidade, como uma personalidade parcial. Há uma tendência dos complexos a agirem como se fossem movidos por vontade própria. Com o conceito de complexo, Jung demonstrava e confirmava, experimentalmente, a teoria da repressão de Freud, além de corroborar a sua própria noção da mente dividida em personalidades parciais.
- 3) **Energia:** Jung usava os termos “energia” e “libido” como intercambiáveis. Para ele, a energia psíquica nas fases pré-edípicas do desenvolvimento assume muitas formas: nutricional, alimentar, dentre outras. Jung insiste na necessidade de demonstrar um foco móvel de interesse e envolvimento. Ele postula ainda a existência de diferentes canais em que a energia psíquica possa fluir: biológicos, psicológicos, espirituais e morais. Sua hipótese é de que, bloqueada em seu fluxo por um canal, a energia psíquica fluirá para dentro de um outro canal. Essa

alteração, contudo, não se dá aleatoriamente. Os próprios canais ocupam uma estrutura preexistente (arquétipos). Quando os impulsos incestuosos e instintivos são frustrados pela proibição do incesto, adotam uma dimensão espiritual. A abordagem energética de Jung ocupa-se com padrões e significados e ele dá atenção especial aos símbolos, que aparecem tanto antes como depois de transformações da energia psíquica.

- 4) **Inconsciente coletivo:** Refere-se às bases filogenéticas e instintivas da raça humana, refletindo os processos arquetípicos. Ele opera independentemente do ego, por causa de sua origem na estrutura herdada do cérebro. Suas manifestações aparecem na cultura como motivos universais que possuem graus de atração próprios e predisposição inata para a criação de fantasias paralelas, de estruturas idênticas, universais da psique.
- 5) **Introversão:** Jung desenvolveu um estudo sobre a doutrina dos tipos psicológicos, destacando a importância para a compreensão da demência precoce. Denominou esses tipos de *introvertidos* e *extrovertidos*. A terminologia “introversão” e “extroversão” está ligada à concepção de energia dos fenômenos psíquicos e, para tanto, lançou mão do termo libido, que traduz a energia de valores psicológicos. Localizou a histeria no tipo extrovertido, por dirigir sua libido principalmente para fora, encontrando o valor no objeto. Já o tipo introvertido é característico da demência precoce, uma vez que esse tipo considera tudo segundo o valor de sua própria personalidade. Com o termo *introversão*, Jung explica então o mecanismo da psicose, em que a libido é totalmente voltada para o eu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Textos de Sigmund Freud

Esta bibliografia refere-se à Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, traduzidas do alemão e do inglês por Jayme Salomão, Rio de Janeiro, Imago, terceira edição, 1990, em 24 volumes. As datas que precedem o título de cada texto indicam o ano da publicação original.

1896 – As neuropsicoses de defesa. v.III: *Primeiras publicações psicanalíticas*.

1896 – Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa. v.III: *Primeiras publicações psicanalíticas*.

1905 – Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. v.VII: *Um caso de histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*.

1910 – Um tipo especial de escolha feita pelos homens (Contribuição à psicologia do amor I). v.XI: *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*.

1910 – A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. v.XI: *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*.

1911 – Notas psicanalíticas de um relato autobiográfico de um caso de paranóia. v.XII: *O caso Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos*.

1912 – Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II). v.XI: *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*.

1911 – Formulações sobre o dois princípios do funcionamento mental. v.XII: *O caso Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos*.

1912 – A dinâmica da transferência. v.XII: *O caso Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos*.

1912 – Totem e tabu. v.XIII: *Totem e tabu e outros trabalhos*.

1914 – A história do movimento psicanalítico. v.XIV: *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*.

1914 – Sobre o narcisismo: uma introdução. v.XIV: *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*.

1915 – As pulsões e suas vicissitudes. v.XIV: *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*.

1916-1917 – Conferências introdutórias sobre psicanálise: conferências XX; XXI, XXII e XXVI. v.XVI: *Conferências introdutórias sobre psicanálise parte III*.

1918 – O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III). v.XI: *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*.

1920 – Além do princípio de prazer. v.XVIII: *Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos*.

1923 – O ego e o id. v.XIX: *O ego e o id, Uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos*.

1924 – Neurose e psicose. v.XIX: *O ego e o id, Uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos*.

1924 – A perda da realidade na neurose e na psicose. v.XIX: *O ego e o id, Uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos*.

1925 – A negativa. v.XIX: *O ego e o id, Uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos*.

1930 – O mal-estar na civilização. v.XXI: *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos*.

1933 [1932] – Por que a guerra? (Einstein e Freud). v.XXII: *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*.

FREUD, Sigmund. À guisa de introdução ao narcisismo (1914). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Trad. Luiz Alberto Hanns et al. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

Textos de Carl Gustav Jung

Esta bibliografia refere-se às *Obras Completas de Carl Gustav Jung*, Petrópolis, Vozes. As datas que precedem o título indicam o ano em que foram publicadas no original. O ano em que foram publicadas em português serão citadas entre chaves, logo em seguida à data da publicação original.

1907 [1990] – A psicologia da demência precoce: um ensaio. *Psicogênese das doenças mentais*, 2.ed., v.III.

1908 [1990] – O conteúdo da psicose. *Psicogênese das doenças mentais*, 2.ed., v.III.

1911 [1989] – *Símbolos da transformação*. 2.ed., v.V.

1921 [1991] – *Tipos psicológicos*. 8.ed., v.VI.

1928 [1994] – *A energia psíquica*. 5.ed., v.VIII.

Textos de Jacques Lacan que abordam a controvérsia entre Freud e Jung

Escritos (1966). Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998:

1954 – Comentário falado sobre a Verneinung de Freud – por Jean Hyppolite.

1954 – Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a Verneinung de Freud.

1958 – De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose.

1959 – À memória de Ernest Jones: sobre sua teoria do simbolismo.

O Seminário. Texto estabelecido por J-A. Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

1953-1954 – Livro 1: Os escritos técnicos de Freud.

1954-1955 – Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.

1955-1956 – Livro 3: As psicoses.

1956-1957 – Livro 4: A relação de objeto.

1957-1958 – Livro 5: As formações do inconsciente.

1959- 1960 – Livro 7: A ética da psicanálise.

1964 – Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.

Textos de outros autores consultados

ABRAHAM, Karl. Diferencias psicosexuales entre histeria y demência precoz. *Revista de psicoanalisis*, v.4, n.2, Buenos Aires, 1946, p.351-64.

ALVARENGA, Elisa. *O conceito de psicose em Freud*. Belo Horizonte: Editora Tahl, 1992.

ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

BADIOU, Alain. Crise de sexe. *Le siècle*, 5 mai 1999 (seminário inédito).

CHEMAMA, R. *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FOUCAULT, Michel. Loucura, a ausência de obra. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. *Ditos e escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. I.
- HANS, Luís Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- JONES, Ernest. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- KAUFMANN, Pierre. *Dicionário enciclopédico de psicanálise – O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LAPLANCHE, Jean. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MALEVAL, Jean-Claude. *Logique du delire*. Paris: Masson, 1997.
- MALEVAL, Jean-Claude. *La forclusión del Nombre del Padre: el concepto y su clínica*. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- MANDIL, Ram. *As psicoses e seus destinos*. *Curinga 14*, Belo Horizonte, EBP, 2000.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. *Crônica de uma morte anunciada*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- MASSON, Jeffrey Masson (org.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MILLER, Jacques-Alain. *Esquizofrenia y paranóia. Psicosis y Psicoanalysis*, Buenos Aires, Ediciones Manantial.
- MILLER, Jacques-Alain. *Los signos del goce*. Buenos Aires: Paidós, 1995.
- MILLER, Jacques-Alain. *Estrutura e psicose. Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- MILLER, Jacques-Alain. *Clínica e psicose. Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- MILLER, Jacques-Alain. *Conferências Caraquenas: Elementos de epistemologia. Percurso de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- MILLER, Jacques-Alain. *A invenção psicótica. Opção lacaniana n.36*, São Paulo, 2003.
- MILLER, Jacques-Alain. *Biologia lacaniana e acontecimentos de corpo. Opção lacaniana n.41*, São Paulo, 2004.
- MILLER, Jacques-Alain. *De la naturaleza de los semblantes*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

- MILNER, Jean-Claude. *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- MCGUIRE, William (org.). *A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung*. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- REGNAULT, François. *Freud anti-alegorista (contra Jung): Em torno do vazio – A arte à luz da psicanálise*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.
- ROUDINESCO, Elizabeth. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- PALMER, Michael. *Freud e Jung – Sobre a religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- RABINOVITCH, Solal. *A forclusão: presos do lado de fora*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- SAMUELS, A; SHORTER, B; PLAUT, F. *Dicionário crítico da análise junguiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- SANTIAGO, Jesús. *A droga do toxicômano: uma parceria clínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- SANTOS, Lúcia Grossi dos. *O conceito de repetição em Freud*. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2002.
- SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- SCHEJTMAN, Fabián. De “La negación” al Seminario 3. In: MAZZUCA y cols. *Las psicosis – fenómeno y estructura*. 2.ed. Buenos Aires: Berggasse 19, 2004.
- SKRIABINE, Pierre. La clinica del nudo borromeo. *Locura: Clinica y Suplência*. Madrid: Dor, S. L. Ediciones, (s/d).
- STORR, A. *As idéias de Jung*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- STRAUSS, Claude Lévi. *Estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- TEIXEIRA, Antônio. A Leila e a Norma. *Curinga*, v. 17, Belo Horizonte, 2001, p.52-8.
- TEIXEIRA, Antônio. Conhecimento paranóico e saber científico. *O tempo, o objeto e o avesso - ensaios de filosofia e psicanálise*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.183-91.
- VIDAL, A. E. et al. Die Verneinung – A negação. *Letra Freudiana: Escola, psicanálise e transmissão*, ano VIII, n.5, 1988.
- VIGANÓ, Carlo. A clínica psicanalítica na prática institucional. *Opção Lacaniana*, n.38, São Paulo, 2003, p.73-83.

VIEIRA, Marcus André. *A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

VINCENT, T. *La psychose freudienne: l'invention psychanalytique de la psychose*. Ediciones Arcanes, 1995.

ZIZEK, Slavoj. Luta de classes na psicanálise. *Folha de S.Paulo*, Caderno Mais!, 07 de julho 2002.

Dissertações e teses

IANNINI, Gilson. P. M. *Estrutura e sujeito: a máquina original de Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da UFMG, 1998. (Dissertação, Mestrado em Filosofia).

LIMA, Eliana Cláudia Castro Santoro. *A denegação em Freud como modelo de linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 1984. (Dissertação, Mestrado em Filosofia).

LIMA, Mônica A. C. *O sujeito da experiência psicanalítica entre o contingente e o necessário*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2001. (Dissertação, Mestrado em Psicologia).

MEZÊNCIO, Márcia. *A aplicação da psicanálise no tratamento da psicose: especificidade da transferência*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2004. (Dissertação, Mestrado em Psicologia).

SALUM, Maria José Gontijo. *A psicanálise e a lei: uma abordagem das relações entre o crime e o castigo*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2001. (Dissertação, Mestrado em Psicologia).